

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ANA KAROLINE ALVES PEREIRA
GISELE PEREIRA DOS SANTOS FERREIRA**

**A TRADUÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA
INGLESA**

**POSSE – GO
2014**

ANA KAROLINE ALVES PEREIRA
GISELE PEREIRA DOS SANTOS FERREIRA

**A TRADUÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA
INGLESA**

Monografia apresentada a Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Universitário de Posse, para obtenção de aprovação no Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês. Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Elizete Pereira dos Anjos

**POSSE - GO
2014**

Dedicamos este trabalho de conclusão de curso a Deus, pois sem Ele a realização deste não seria possível.

“Quem não conhece línguas estrangeiras, não sabe nada da própria”.

Johann Goethe

A Deus pelo dom da vida, pela saúde e força que foi fundamental para a superação das dificuldades e a concretização desta pesquisa.

À professora Maria Elizete pela orientação, apoio, carinho e confiança depositada em nós, ações estas que permitiram a conclusão desta pesquisa.

À nossa família, em especial nossos esposos, pelo apoio e compreensão durante nossa trajetória acadêmica.

À Universidade Estadual de Goiás (Campus Posse), pela sua excelência.

Aos nossos mestres pela dedicação, empenho e paciência em nos transmitir conhecimentos, e principalmente, pelo carinho e motivação ao longo desses quatro anos.

Aos alunos do curso de Licenciatura em Letras que foram fundamentais e colaboraram com a nossa pesquisa, respondendo ao questionário.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a importância da tradução como instrumento auxiliador no ensino de Língua Inglesa. Para tanto foi discutido diferentes conceitos desta ferramenta abordados por vários autores, foi feito um panorama dos principais métodos de ensino de línguas ao longo da história com o objetivo de argumentar que mesmo que de forma inconsciente e irrefletida a tradução sempre esteve presente em cada um destes métodos ou abordagens. A cultura foi apresentada como elemento importante a ser considerado no momento da tradução de textos e, por fim, foi realizada uma pesquisa no curso de Letras com o intuito de elucidar conhecimentos dos acadêmicos deste curso em relação a esta ferramenta no processo de apropriação de Língua Inglesa. Nesse contexto, a tradução apresenta-se como uma poderosa ferramenta de ensino de línguas, uma vez que permite o aprimoramento de habilidades de comunicação. Além disso, contribui para a formação da autonomia do aluno através dos conhecimentos que são adquiridos. A tradução precisa ser vista sob um novo olhar, desvinculado da prática mecanizada, onde se traduz palavra por palavra, sem contextualização. Sob esta ótica, é necessário levar em consideração elementos fundamentais que fazem parte desse processo, como cultura e Língua Materna. Assim, têm-se como principais bases os estudos de Romam Jakobson (1971), Michael Oustinoff (1956), Geir Campos (1986), entre outros.

Palavras-chave: tradução; ferramenta; Língua Inglesa; Língua Materna; cultura.

ABSTRACT

This study aims to analyze the role of translation as a supportive tool in teaching English. For both discussed different concepts of this tool addressed by several authors, was made an overview of the main methods of language teaching throughout history in order to argue that even if unconscious and unthinking manner the translation was always present in each of these methods or approaches. The culture was presented as important to be considered when translating texts element and, finally, a survey was conducted in the course of Letters in order to elucidate the academic knowledge of this course in relation to this tool in the process of appropriation of Language English. In this context, the translation is presented as a powerful tool for language teaching, since it allows the improvement of communication skills. Moreover, it contributes to the formation of learner autonomy through the knowledge that is acquired. The translation must be seen in a new look, detached mechanized practice, which translates word for word without context. From this perspective, it is necessary to take into account key elements that are part of this process, such as culture and mother tongue. Thus, have as main bases studies Romam JAkobsón (1971), Oustinoff Michael (1956), Geir Fields (1986), among others.

Keywords: translation; tool; English language; Mother tongue; culture.

LISTA DE GRÁFICOS

Categoria 1 – Conceitos de tradução

Gráfico 1: Como você avalia seu conhecimento acerca do conceito de tradução?.....	35
Gráfico 2: O que significa tradução de uma língua estrangeira para uma língua?.....	36
Gráfico 3: Conhecem os tipos de tradução?.....	38

Categoria 2 – Utilização da ferramenta tradução

Gráfico 1: Para tradução de textos no inglês para português: você sempre utiliza?.....	39
Gráfico 2: Considera a tradução importante no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa?.....	41
Gráfico 3: Avalie seu processo de aprendizado de Língua Inglesa no Curso de Letras: sem utilização da Língua Materna.....	43
Gráfico 4: Aprende melhor a língua inglesa quando o professor utiliza em sala de aula:.....	44
Gráfico 5: A leitura de textos em Língua Inglesa.....	46

Categoria 3 – Tradução e Cultura

Gráfico 1: Você acha importante considerar o elemento cultural no momento da tradução?.....	48
Gráfico 2: Quando professores e aprendizes desconhecem a cultura do texto de chegada (texto a ser traduzido) o processo de tradução é dificultado.....	49
Gráfico 3: Os professores valorizam a cultura do texto de partida (texto a ser traduzido) nas atividades de tradução?.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO DE LI: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES.....	11
1.1 Definição e utilização no ensino.....	12
1.2 O papel da tradução ao longo da história humana.....	14
1.3 Problemáticas envolvendo a prática da tradução em sala de aula de Língua Inglesa.....	16
1.4 A importância da Tradução como instrumento de ensino de LI.....	18
2 COMO A TRADUÇÃO PERMEOU OS MÉTODOS DE ENSINO DE LI.....	22
2.1 A importância da cultura para o processo de formação da identidade.....	27
2.2 Tradução e Língua Materna.....	29
3 A TRADUÇÃO NO ENSINO-APENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA SOB A PERSPECTIVA DOS DISCENTES DO CURSO DE LETRAS DA UEG-CÂMPUS POSSE.....	33
3.1 Análise dos Gráficos.....	35
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXOS.....	60
Anexo 1- Questionário.....	60
Anexo 2- Termo de Autorização de Pesquisa Acadêmica.....	61

INTRODUÇÃO

O aprendizado de uma Língua Estrangeira (doravante LE) se tornou, hoje, indispensável para quem deseja ter sucesso pessoal e profissional, tendo em vista os constantes avanços da globalização. O inglês é, entre elas, o idioma mais requisitado e utilizado para a comunicação intercultural, por ser uma língua internacional e exercer influência sobre os demais países, sendo considerado um idioma universal. Diante disto, é possível afirmar que o estudo da Língua Inglesa (doravante LI) é de extrema importância para que o indivíduo, além de promover essa integração linguística e cultural, desenvolva suas capacidades crítica e reflexiva.

Nesse sentido, a presente pesquisa objetivou apresentar a tradução como ferramenta eficaz na aquisição da Língua Inglesa. Para isso foi discutido diferentes conceitos desta ferramenta abordados por vários autores, foi feito um panorama dos principais métodos de ensino de Língua Inglesa ao longo da história com o objetivo de argumentar que mesmo de forma inconsciente e irrefletida a tradução sempre esteve presente em cada um destes métodos ou abordagens. A cultura foi explanada como elemento importante a ser considerado no momento da tradução de textos e, por fim, foi realizada uma pesquisa no curso de Letras com o intuito de elucidar conhecimentos dos acadêmicos deste curso em relação a esta ferramenta no processo de apropriação de LI.

A tradução, uma prática antiga, que desde muito tempo atrás vem sendo associada ao Método Gramática – Tradução (MGT) tem hoje poucos adeptos. Porém, ela é fundamental na aprendizagem de uma LE, pois permite a compreensão e interpretação de palavras e expressões em dialetos diferentes da língua materna do indivíduo, acarretando na aquisição de um maior vocabulário. No entanto, essa prática, assim como o ensino de línguas estrangeiras, é vítima de preconceitos por muitos teóricos.

Sob esta ótica, tanto a LE quanto a tradução são marginalizadas, sendo alvo de preconceitos da própria escola, de professores e alunos, que avaliam a habilidade desnecessária para o uso fora da sala de aula e a ferramenta ineficaz. Quanto à tradução, mesmo banida, é o instrumento que está sempre presente nas

aulas de LE, pois a mesma apresenta-se como maneira informal de aprender, inserida na mente dos alunos. Nesse sentido, pretende-se com este estudo mostrar a relevância do tema, como se dá esse processo, quais são os tipos de tradução, bem como as consequências do não uso da mesma.

A tradução, utilizada como ferramenta pedagógica, contribui para a aprendizagem da LI, bem como para o enriquecimento cultural da LM, além de proporcionar ao aluno maior conhecimento de sua própria língua, por meio de comparações entre ambas às línguas. A tradução não é somente transformar palavras de uma língua em outra, considerando apenas significados isolados, envolve também todo um contexto em que as palavras estão e podem ser inseridas. Roman Jakobson (1971), do ponto de vista linguístico, distingue três tipos de traduzir signos verbais, são elas: intralingual, interlingual e intersemiótica.

O preconceito que recai sobre a aprendizagem da Língua Inglesa por meio da tradução é porque, na maioria das escolas públicas brasileiras, o ensino é realizado de maneira tradicional, no qual os professores a utilizam de uma forma que não coincide com a realidade vivida pelo aluno. Isso ocorre porque o próprio sistema de ensino não dá o valor devido a essa disciplina, podendo ser percebido pelas escolhas dos conteúdos e do material didático, que apresentam a tradução mecânica. Com isto, o resultado produzido é a má qualidade no ensino e, por consequência, a desvalorização da língua em estudo e da citada ferramenta.

Nesse sentido, devido à associação indevida do instrumento tradução com o MGT, poucos se interessam por estudar mecanismos que contribuem para a aprendizagem de Línguas Estrangeiras, que é o caso da tradução, que vem sendo grande alvo de discursões nos dias atuais, porém muito pouco analisada. Muitos estudiosos caracterizam este método como tradicional e reprodutor, por isso, consideram-no inadequado para o ensino. Entretanto, este é um equívoco, uma vez que inconscientemente, e mesmo na prática, alunos e professores aderem a este instrumento.

Devido à escassez de pesquisas sobre a tradução como ferramenta de ensino, pois há pouca quantidade de interessados em discutir a funcionalidade e benefícios desse processo, não se tem ainda uma definição única e exata do termo

tradução. Assim sendo, por falta de conhecimento, acabam rejeitando teoricamente o uso desse instrumento, por considerá-lo ultrapassado e pouco original. Porém, em sala de aula ainda persiste as atividades de tradução, só que inadequadas.

Contudo, mesmo sendo visto por muitos estudiosos como método pouco produtivo e ineficiente, a tradução possui muitos defensores no contexto atual, que estão sedentos por mudanças para o bom uso da mesma na escola. Assim, a mesma se bem empregada no ensino de línguas proporciona ao aluno uma visão crítica da realidade em que vive. Portanto, trata-se de um tema muito relevante a ser estudado, pesquisado, pois dele depende a aquisição da Língua Inglesa, sendo que sem o seu uso a comunicação estaria impossibilitada.

O primeiro capítulo, intitulado “A tradução como ferramenta de ensino de LI: potencialidades e limitações”, apresenta definições de vários estudiosos sobre a tradução, como esta deve ser empregada em sala de aula e qual é sua relevância, apontando o papel que a mesma exerceu ao longo da história da humanidade. As problemáticas envolvendo a aplicabilidade dessa ferramenta na aprendizagem da LI também é uma questão a ser tratada neste capítulo.

O segundo capítulo, “Como a tradução permeou os métodos de ensino de LI”, expõe a história concisa dos métodos Gramática-Tradução, Direto, Audiolingual e Comunicativo. Embora os três últimos métodos excluam teoricamente a tradução e a Língua Materna (LM) da sala de aula, estes elementos ainda se fazem presentes na prática. A tradução se faz presente por meio das classificações atribuídas a ela por Roman Jakobson (1971), que foram mencionadas anteriormente.

Por fim, o terceiro capítulo é a parte prática da pesquisa, que foi realizada com alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse. Este capítulo contém a descrição da metodologia e a análise dos resultados obtidos por meio da aplicação da pesquisa, cujo instrumento utilizado foi um questionário composto por onze perguntas fechadas sobre o tema pesquisado.

1 A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO DE LI: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

Atualmente, com o amplo acesso a informações possibilitadas pelo surgimento das novas tecnologias, a sociedade passa por um processo de globalização, que estabelece a integração entre os países e pessoas de todo o mundo. Diante dessa realidade, a comunicação se torna elemento fundamental para a troca de ideias e para as negociações comerciais. No entanto, é necessário possuir o domínio de, pelo menos, uma LE para estabelecer diálogos, relações comerciais, culturais, econômicas, entre outras. Dentre as Línguas Estrangeiras, a LI é a que possui maior prestígio mundial, sendo a mais utilizada no mundo dos negócios e a mais procurada pelos estudantes como segunda língua (L2).

Nesse sentido, só existe uma maneira de o indivíduo compreender outra língua, sem ser a sua LM, que é por meio da tradução, ferramenta esta indispensável para o ensino-aprendizagem de LI. Segundo Michael Oustinoff (2011, p.12) “A primeira função da tradução é, então, de ordem prática: sem ela, a comunicação fica comprometida ou se torna impossível”. Assim, percebe-se a relevância dessa ferramenta, uma vez que é somente através dela que é possível o entendimento das diversidades linguísticas, sendo imprescindível o seu bom uso em sala de aula.

Em contrapartida, muitos professores discordam quanto ao papel da tradução e a sua utilização em sala de aula. Eles acreditam que a tradução é prejudicial ao ensino de línguas, isso porque a consideram mera repetição, onde as palavras são trabalhadas isoladamente com o uso dos dicionários bilíngues. Essa abordagem empregada pelo professor é baseada na memorização de listas de palavras e na tradução de textos, levando o aluno a não querer aprender uma L2 e muitos a questionar sobre o uso da mesma. Entretanto, essa confusão é causada pela falta de conhecimento linguístico e pedagógico, por parte dos professores de línguas, das possibilidades da ferramenta em questão.

Como consequência da carência de estudos sobre a tradução, persiste muitos conceitos e opiniões, positivas e negativas, sobre o referido tema, que levam a

confusões, surgindo falsas interpretações sobre as finalidades da tradução. Esses conflitos, juntamente com o mau uso da tradução, provocam a rejeição dessa ferramenta no ensino de LI. Entretanto, através da história da tradução, é notável a sua relevância na aprendizagem de um segundo idioma, cabendo ao docente utilizá-la adequadamente em sala de aula.

1.1 Definição e utilização no ensino

A diversidade é uma das principais características da tradução, uma vez que de um mesmo texto pode-se obter várias traduções, já que as pessoas não pensam iguais, assim como diversas também são as opiniões acerca dessa ferramenta de ensino e de sua definição. Com isso, a maneira correta de utilização dessa ferramenta de ensino ainda não foi definida, justamente pela carência de estudos específicos e esclarecedores, com foco no processo de ensino-aprendizagem.

Enquanto alguns definem a tradução simplesmente como a passagem de uma língua para outra, Arrojo (1986, p.22), defende um ponto de vista distinto em que essa ferramenta “não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra [...]”. Assim, a tradução não é algo fácil de fazer, é muito mais que uma simples transferência, ela implica também uma atividade intercultural, onde o conhecimento da cultura de ambas as línguas é fundamental para haver uma boa tradução.

Outro fator relevante é que as palavras possuem significados inconstantes, ou seja, variam de acordo com a tradição de um povo, daí a necessidade do conhecimento cultural, para poder atribuir às palavras traduzidas significados coerentes com a situação em que a mesma é empregada. Um mesmo termo pode possuir vários significados quando traduzido, como exemplo tem-se a palavra do inglês *point* que pode significar em português: ponto, altura, sentido, entre outras. Todos esses significados são aceitos e empregados em circunstâncias díspares, tornando o processo tradutório algo complexo de ser realizado.

Em sua dissertação de mestrado, diferentemente de outros estudiosos que confere a tradução uma definição mais específica, Checchia(2002, p. 81) atribui à tradução um conceito bastante amplo

A tradução é um processo natural, que sempre acontece, mesmo quando não explicitamente. Estamos sempre traduzindo, pois traduzir é entender o que está sendo comunicado. Como a linguagem varia de acordo com suas funções sociais, quando interpretamos as mensagens transmitidas, estamos traduzindo. (CHECCHIA, 2002, p. 81).

Nesse sentido, Checchia considera toda forma de comunicação como sendo tradução, ocorrendo no dia-a-dia, não somente entre línguas distintas, mas na própria língua materna. Assim, são palavras e frases, que interpretadas, possibilitam o entendimento por parte do receptor, sendo necessário que o emissor explique claramente sua mensagem. Se houver entendimento, haverá tradução. Apesar de ser uma definição muito ampla, a mesma contribui para a reflexão dessa ferramenta como auxiliadora no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa.

O linguista Roman Jakobson (1971) aponta para a mesma questão defendida por Checchia, quando afirma a ocorrência da tradução ao substituir um signo linguístico por outra palavra, da mesma língua, que tenha o mesmo significado, é o caso do sinônimo ou circunlóquio. Esse tipo de tradução recebe o nome de intralingual ou reformulação, baseada na ocorrência dentro de uma mesma língua. Ele ainda cita o exemplo da palavra “solteiro” que pode ser substituída, ou melhor explicada pelo termo “homem/mulher não casado (a)”.

O inglês John Cunnison Catford (*apud* CAMPOS, G. 1986, p. 11) defende a questão da tradução como um fenômeno linguístico, afirmando que a “tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra”. Dessa maneira, é privilegiada uma tradução literal, sem inferências pessoais, em que não se deve alterar em nada o sentido do texto original. Assim, a tradução deve seguir rigorosamente tanto o sentido como a mesma estrutura do texto-fonte, onde fidelidade deve ser o fator mais relevante no ato de traduzir.

No entanto, Werner Winter (*apud* Geir Campos, 1986, p. 14), afirma que “Tradução completamente exata não existe”. Essa ideia é aderida por muitos outros estudiosos, que atribuem certa liberdade à tradução, em que esta nunca será igual

ao texto original, tendo o tradutor a autorização de contestar e modificar o texto-fonte, para adequá-lo a realidade linguística e cultural do texto-alvo. Contudo, mesmo com as mudanças realizadas, não é aceitável alterar o sentido do texto original.

Diante do que foi exposto, percebe-se a diversidade de conceitos que são atribuídos à tradução, bem como maneiras de se traduzir. Essa confusão só evidencia a necessidade de um estudo maior sobre esse tema, que não é algo claro, completo, mas que precisa ser refletido como ferramenta de ensino da Língua Inglesa. Em se tratando de tradução, nada é primoroso, cabendo ao professor conscientizar o aluno a esse respeito, para que não haja frustrações. Portanto, a tradução não envolve somente palavras, que devem ser traduzidas por outras equivalentes, mas abarca a cultura e a história de um povo.

1.2 O papel da tradução ao longo da história humana

Desde os primórdios da existência humana, o homem vem tecendo sua História por meio de palavras, ciente que havia também línguas e culturas distintas da sua. Ante essa diversidade, a necessidade de comunicação entre grupos se torna essencial, ao mesmo tempo em que conhecer a cultura do outro é fundamental para entender os fundamentos de sua língua. Com isso, surgiu a tradução como principal ferramenta para estabelecer diálogos entre os diferentes povos, proporcionando a troca de ideias e a integração das culturas.

Nesta perspectiva, a tradução sempre contribuiu para a globalização, isso porque foi responsável pela aproximação dos povos, derrubando barreiras entre culturas, sendo a ponte entre uma língua e outra. Através dessa ponte ocorre à transmissão de notícias, descobertas, reflexões sobre os mais variados assuntos, que contribuem para a formação cultural, intelectual e social do ser humano. A tradução exerceu esse papel desde o nascimento das línguas.

Em contrapartida, muitos estudiosos citam como origem da tradução, o mito bíblico da “Torre de Babel”, em que o homem tentou construir uma torre

incomensurável que chegasse ao céu. Porém, o Senhor não admitiu essa audácia do homem e confundiu a linguagem deles, com o intuito de impedi-los de concretizar o que tanto almejavam. Através dessa passagem bíblica, localizada no “Antigo Testamento”, percebe-se que a prática da tradução é algo remoto, pois com o surgimento de vários idiomas, houve a necessidade de utilizar a referida ferramenta para estabelecer a comunicação entre os indivíduos.

Segundo Geir Campos (1986, p. 10) a tradução, levando em consideração o mito bíblico, nasceu de uma confusão, em que “Babel” é sinônimo de desordem, culminando com o nascimento de vários idiomas, onde os indivíduos passaram a não compreender a dialeto de seus semelhantes. Isso tornou a comunicação impossível de ser concretizada, e, ao mesmo tempo, brotou a necessidade de tradutores e intérpretes que pudessem mediar o diálogo. Nesse sentido, a tradução é considerada como uma ocorrência da linguagem humana, sendo associada a esse mito em decorrência da “confusão” estabelecida e também, por ser uma prática que nunca alcançará a perfeição.

A tradição greco-romana teve papel fundamental para a criação da arte de traduzir. Diante disso, no período intitulado Antiguidade Clássica, onde essas duas civilizações viveram, a tradução era uma prática que denotava a absorção de outra cultura, onde os romanos utilizavam dessa ferramenta para trazer elementos da cultura grega para a sua, com a finalidade de enriquecimento cultural e aprendizado da capacidade oratória dos gregos. Nesse sentido, os escritores realizavam uma tradução rigorosa, imitando os modelos literários gregos, interessados principalmente em textos literários e filosóficos.

Posteriormente a massiva tradução dos escritos gregos para o latim, este consegue se sobressair diante do primeiro, tornando o “[...] latim a nova língua dominante do seio do Império, papel que se perpetuará durante toda a Idade Média, a até mesmo para além dela.” (OUSTINOFF, 2011, p. 33-34). Assim, a tradução contribuiu tanto positivamente para a glória de determinadas línguas, juntamente com sua cultura, no caso da romana, como negativamente para o abandono de outras, ocorrido com o grego, que se tornou ultrapassado em comparação ao latim.

Contudo, tanto a cultura como a língua grega não foi por completo extinta, isso porque restaram traços daquelas na nova civilização latina. Com isso, percebe-se que a tradução possuiu, e ainda possui papel fundamental para a sobrevivência da língua e, conseqüentemente, de costumes de um povo. Isso é evidenciado, em sala de aula, no ensino da história de povos que viveram no passado, habitantes de outros países e falantes de língua diferente do português. Essas narrativas hoje são recontadas, por meio de traduções, possibilitando o conhecimento daquilo que, sem essa ferramenta, seria impossível de ser noticiada.

Na época clássica, o tradutor praticamente copiava do autor, sem nenhuma originalidade, apropriava para si um texto que não era seu, isso recebeu, posteriormente, o nome de plágio. No entanto, estes tradutores não eram penitenciados, pelo fato de que a atitude deles não era considerada crime. Eles se justificavam como herdeiros da tradição romana, em que seguiam o exemplo desse povo ao empregar a imitação no ato tradutório dos textos originais. Com isso “[...] era possível traduzir e trair na maior impunidade” (OUSTINOFF, 2011, p. 39).

Ainda nesse período, os tradutores prezavam a fidelidade no ato de traduzir, principalmente em se tratando de textos religiosos, devido à propagação do cristianismo, onde os escritos de forma nenhuma deveriam desviar o sentido do texto original. Com a Reforma, Martinho Lutero realizou as primeiras traduções do latim para o alemão das escrituras sagradas, defendendo o acesso das camadas populares a palavra de Deus, sendo que a Igreja Católica não permitia essa regalia. Ele pretendia alertar o povo quanto às falsas doutrinas que a igreja pregava, tendo a tradução papel essencial para a libertação desse povo.

Michael Oustinoff (2011, p. 41), acerca das traduções realizadas por Lutero, afirma que “[...] como se trata da Bíblia, é evidente que a parte de ‘invenção’ pressuposta pelo *imitatio* dos latinos não tem vez. Ninguém aventaria ‘transformar’ a palavra divina, algo que, à época, levava diretamente a fogueira [...]”. Ante essa afirmação, percebe-se que a tradução bíblica privilegia a lealdade dos escritos originais, em oposição à literária, que monopolizava a liberdade.

As “Belas Infiéis” eram traduções realizadas na França com fins estritamente estéticos, já que tinha como objetivo corrigir defeitos de textos traduzidos por

estudiosos da antiga cultura greco-latina. Com isso, os franceses pretendiam defender e qualificar sua língua, através de belas traduções literárias. Conforme Michael Oustinoff (2011, p. 38) “[...] as pessoas se apoderavam sem o menor escrúpulo das obras de outros, seja para transformá-las segundo seu próprio arbítrio, não recuando diante de nenhuma infidelidade”.

Na contemporaneidade, a tradução rejeita a imitação, a infidelidade, presando a originalidade na criação artística. Essa ferramenta, por séculos constituiu a base para o ensino de Línguas Estrangeiras, até hoje é muito utilizada em sala de aula, especificamente nas aulas de Língua Inglesa. Apesar de muitos professores, na teoria, não admitirem essa ferramenta em suas aulas, ela está sempre presente na prática, mesmo que de maneira não intencional.

1.3 Problemáticas envolvendo a prática da tradução em sala de aula de Língua Inglesa

A tradução, tendo como uma de suas possíveis origens a “confusão”, possui conflitos também no que diz respeito a sua definição e à forma que se deve traduzir (Literal ou livre? Eis a questão). Isso é consequência das diferentes linhas de pensamento defendidas pelos estudiosos desse tema, que acabam por confundir a cabeça dos professores de LI na hora de escolher suas ferramentas de ensino, acarretando na exclusão desta ferramenta das salas de aula. Em decorrência disso, surgem várias questões sem respostas, como por exemplo, o seu papel no ensino de línguas estrangeiras.

Segundo Duff (1989, *apud* HANNUCH, p.2), muitos professores não veem a tradução como uma ferramenta de trabalho eficiente, muitas vezes pela falta de material que trate adequadamente do tema ou por não saberem fazer o uso eficiente desta no ensino. Essa rejeição ao uso da tradução em sala de aula é causada pela falta de conhecimento, que levam os professores a associá-la, ou confundi-la com o MGT, predominante durante toda a Idade Média. Esse método privilegiava um ensino tradicional da L2, onde o foco era na gramática e na memorização de lista de palavras, fora de um contexto.

Devido a essa associação, a ferramenta é vítima de preconceitos, equivalendo a um ensino totalmente voltado para a gramática, prejudicial ao

desenvolvimento das habilidades comunicativas no ensino de LI. Isso acarreta ao mau uso da tradução, sendo que os professores não sabem explicar aos alunos o porquê de traduzir textos e quais são as finalidades de seu uso em sala de aula. Os alunos, por sua vez, acabam não se interessando pela aprendizagem do inglês, pois além de ser tida como aula “chata”, é também vista como inútil, uma vez que eles possuem a crença de que nunca vão precisar desse idioma.

Segundo Paulo Rónai (2012, p. 20),

A maioria das pessoas, quando pensa em tradução, faz ideia de uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo conhecedor de duas línguas vai substituindo, uma por uma, as palavras de uma frase na língua A por seus equivalentes na língua B. Na realidade as coisas se passam de maneira diferente. As palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estarem dentro desse contexto. (RÓNAI, 2012, p.20).

Nesse sentido, quando mencionado a aprendizagem do inglês, a primeira palavra que vem a mente dos discentes é a tradução, porém, como algo maçante de ser feito, traduzindo palavra por palavra. Isso porque o ensino de línguas acontece de forma tradicional, onde o docente não elucubra sobre sua prática pedagógica e nem proporciona a reflexão de seus alunos. Porém, a tradução não tem como ser algo mecânico, pois o sentido das palavras varia de acordo com o contexto em que estão inseridas.

Apesar de ser excluída da sala de aula de línguas, a tradução está sempre presente, de maneira informal na mente dos alunos, tornando-se um processo espontâneo e necessário para a aprendizagem de uma segunda língua, que, mesmo assim, não é bem vista pelos mesmos. Gabriela de Azevedo Leão Rego (2008) em sua dissertação defende a ideia de “Teimosa, a tradução, mesmo banida, não abandonou a sala de aula, pois resiste como ‘método de aprendizado informal’ na cabeça dos alunos”. O aluno não vê outra maneira de aprender o inglês, sem ser por meio dela, pois sempre estarão recorrendo aos dicionários para compreenderem as palavras.

Outro fator prejudicial ao uso dessa ferramenta é a falsa ideia de que a prática é separável da teoria, onde o (a) docente exclui teoricamente a tradução da sala de aula, porém a mesma é sempre utilizada na prática. Essa forma de pensar do professor é um grande equívoco, pois teoria e prática são inseparáveis. Já que a tradução está presente na prática, falta apenas o docente refletir teoricamente, buscando um aprofundamento nos estudos sobre conceitos e utilização dessa ferramenta para melhorar sua prática.

Conforme Ottoni (2005: 26) “para a produção de uma teoria, nos moldes tradicionais, é necessário separar o sujeito do objeto. A tradução e o ensino de línguas estrangeiras não se prestam a essa separação”. Assim, por meio dessas palavras, comprova-se que é impossível separar a teoria da prática, uma vez que é necessário pensar para depois colocar qualquer ideia em prática, com a tradução não seria diferente.

1.4 A importância da Tradução como instrumento de ensino de LI

Levando em conta que a LI é indispensável para quem deseja ter sucesso pessoal e profissional por consequência dos constantes avanços da globalização, que promove a interação entre pessoas de diferentes países, a tradução ganhou importância muito significativa nos estudos de outra língua. Sabe-se que traduzir além de ser a adaptação de uma língua para a outra, envolve também a integração entre diferentes povos, por meio de seus costumes.

A tradução é uma eficiente ferramenta para ser utilizada em sala de aula, com intuito de contribuir para o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, no entanto, poucos reconhecem a sua importância. Segundo Campos (1986, p. 28) esta não se limita apenas na transposição de uma língua para a outra, envolve a bagagem cultural de uma língua, ou seja, traduz-se de “uma cultura para outra”. Assim, essa ferramenta busca expressar mensagens levando em consideração os conhecimentos cultural e linguístico da língua materna dos alunos.

De acordo com Ridd (2005, *apud* GEIESTA, 2011, p.2), os benefícios da tradução ultrapassam possíveis efeitos negativos, sendo que a sua presença em

aulas com propósitos comunicativos, ensino por tarefas, aprendizagem centrada no aluno e pedagogia crítica combinam perfeitamente. Nesta mesma linha, Cook (1998, *apud* GEIESTA, 2011, p.2), Malmkjaer (1998, *apud* GEIESTA, 2011, p.2), asseguram que a tradução é um elemento presente e fundamental no ensino de LE. É somente por meio dessa ferramenta que é possível compreender mensagens transmitidas por pessoas de outras nacionalidades, sendo indispensável seu uso em sala de aula na compreensão, além dos textos, da forma como vivem os estrangeiros.

Diante disto, é possível afirmar que esta ferramenta é de extremo valor para o ensino, pois, além de promover essa integração entre os diferentes povos, tende a desenvolver a capacidade mental e de raciocínio, além de instigar a leitura crítica do aluno. Campos (2004, *apud* SANTOS & FERNANDES 2011, *apud* GOMES, 2011, p.4) assevera que:

Vivemos num mundo em tradução. Os progressos tecnológicos no campo da comunicação viabilizaram a troca de informações entre os pontos mais remotos da terra com rapidez jamais vista. Sem o recurso da tradução, isso não seria possível, e dificilmente os seres humanos chegariam a compreender-se. O mundo precisa agora, mais do que nunca, do diálogo entre os povos. A tradução é um dos caminhos para esse desejável entendimento (...). (Campos, 2004, *apud* SANTOS E FERNANDES, 2011, *apud* GOMES, 2011, p.4).

Assim, essa ferramenta de ensino expressa mensagens levando em consideração a bagagem de conhecimentos que o aluno possui sobre sua língua materna, aperfeiçoando a LI, tendo como resultado uma melhoria na leitura e o auxílio na aquisição de vocabulário. O aluno, além disso, aprende o mecanismo de funcionamento, tendo em mente as diferenças existentes entre as línguas, uma vez que o que funciona numa língua não basicamente funciona numa outra.

Segundo Widdowson *apud* Romanelli, (2009, *apud* BRIKS, 2012, p. 162), a tradução faz com que os alunos percebam que as línguas utilizam meios diversos para expressar a mesma informação. Assim propiciam, além de uma troca de informações entre culturas e povos, o aperfeiçoamento, tanto da língua- fonte, como da língua-alvo, permitindo a ampliação da visão de mundo do aluno.

Nesse sentido, Pegenaulte (1996 *apud* SANTOS & FERNANDES, 2011 p.131, *apud* GOMES, 2011, p. 8) pontua que

a tradução pode representar em sala de aula um leque de possibilidades didáticas que ensina a traduzir, que ajuda no aperfeiçoamento do idioma estrangeiro e do materno, bem como auxilia na formação intelectual, melhorando a leitura de maneira considerável. (Pegenaulte, 1996, *apud* SANTOS & FERNANDES, 2011, *apud* GOMES, 2011, p. 8)

Em consenso Costa (1988, *apud* LIBERATTI, 2012, p. 181) também é favorável no que se diz respeito ao uso da tradução em sala de aula:

Na realidade, a tradução pode ser considerada como uma quinta habilidade ao lado da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita. O ensino de línguas ganharia a dimensão cultural (que ele, em geral, não apresenta atualmente) e poderia mesmo ser mais produtivo na medida em que certos problemas de aprendizagem fossem melhor identificados. Do ponto de vista prático, o hábito da tradução (tanto da língua materna para a estrangeira como em sentido contrário) resulta muito útil, porque são inúmeras as situações (tanto no país quanto no exterior) em que se necessita a habilidade tradutória (estudo de textos, auxílio a pessoas monolíngues, tradução de cartas e documentos, etc.). (COSTA 1988, *apud* LIBERATTI, 2012, p. 181).

Contudo, ao contrário do que muitos pensam, a ferramenta em estudo pode facilitar e simplificar o processo de ensino-aprendizagem, desde que seja bem planejada e utilizada de forma correta. Embora seja vista por muitos estudiosos como um processo mecânico, a mesma exige muita reflexão de palavras dentro de um contexto, suprimindo a possibilidade de mecanismo, além de levar o aluno a comparar as duas línguas em questão, percebendo as especificidades de cada uma.

2 COMO A TRADUÇÃO PERMEOU OS MÉTODOS DE ENSINO DE LI

A tradução em sala de aula constitui em um instrumento de ensino-aprendizagem essencial para o estudo de LI, pois além de indispensável para a comunicação, proporciona o conhecimento de diferentes línguas e culturas. Torna-se, desta maneira, fator relevante na aprendizagem dos aprendizes. Os conhecimentos linguístico e cultural, por sua vez, contribuem para a formação da consciência crítica do aluno, que será capaz de refletir sobre as diferenças existentes entre sua língua materna e a língua estrangeira, contribuindo assim para concordância e combate ao etnocentrismo, que é caracterizado, sobretudo, pelo preconceito, discriminação e não aceitação da cultura do outro.

Essa ferramenta de ensino em questão, mesmo teoricamente banida da sala de aula, está presente na prática, quando alunos e professores recorrem à tradução para compreenderem uma palavra, frase ou texto. Houve uma época em que ela era predominante em sala de aula, na teoria e na prática, quando era utilizado o Método Gramática – Tradução. No entanto, tratava-se de uma atividade puramente mecânica, onde o aluno, que atuava de forma passiva, deveria somente traduzir textos, palavra por palavra, decorar uma imensa lista de palavras e adquirir conhecimentos sobre a estrutura da língua em estudo.

Iniciado com o ensino do grego e do latim, o método da gramática e tradução é o mais antigo e empregado entre todos os métodos no ensino da LI. Essencialmente a MGT, conhecido como tradicional, consiste na abordagem de outra língua utilizando a língua materna como suporte, em que o texto é transportado para a língua do aluno. Dessa maneira, a tradução é considerada a ponte que liga duas línguas distintas.

Conforme Perrenoud (2000, p. 30) “[...] aprender não é primeiramente memorizar, estocar informações, mas reestruturar seu sistema de compreensão de mundo”. Assim, o professor de LI não pode ignorar o conhecimento que o aluno já possui da sua língua materna, como ocorreu com o MGT, mas deve sim aprimorar, acrescentar algo novo e relevante a esse conhecimento que o discente possui, facilitando a aprendizagem da LI.

Após longos anos de uso e críticas, o MGT foi deixando de ser utilizado por justamente, não facilitar a comunicação oral. No final do século XIX foi substituído

pelo Método Direto (doravante MD), que se diferencia do primeiro por considerar a língua alvo como meio de ensino de LI. Esse novo método era considerado uma reformulação, em que se buscava um estudo mais científico.

Uma das possíveis causas para o surgimento desse novo método é apontado por Cook (2003, p. 33, *apud* PAIVA, 2005) como sendo “movimentos migratórios e o comércio internacional como fatores que influenciaram a mudança do perfil dos aprendizes de LE”. Sendo assim, a necessidade de comunicação gerada pelas migrações levaram as escolas a adotarem o MD, como uma tentativa de capacitar os alunos de LI a falarem essa língua, pois o enfoque desse ensino é na habilidade oral.

O MD recebe essa denominação adjetivada justamente por sua intenção de levar o aluno diretamente ao contato com a Língua Inglesa sem o uso da tradução, e, por consequência, da língua materna. Nesse sentido, o aluno deve ouvir uma só palavra diversas vezes para poder compreendê-la, por meio da repetição, assim como uma criança aprende o alfabeto de sua língua materna. Desse modo o educando aprende a falar a LI através da prática, sendo que a oralidade é uma atividade que deve anteceder à escrita.

Nesse tipo de aprendizagem, o professor orienta seus alunos por meio da utilização de mímicas, gestos, entre outros. Ao fazer a relação das palavras faladas na LI com os objetos, acredita-se que seja uma aprendizagem mais natural, igualando-se a aquisição da LM e menos complexa de ser concretizada. A prática de perguntas e respostas e exercícios de pronúncia são frequentes, por meio de repetições, visando à aquisição de uma competência idêntica a do nativo.

No entanto, pelo fato desse novo método descartar a tradução e a LM, isso não quer dizer que tenha conseguido eliminar totalmente qualquer vestígio dessa ferramenta da sala de aula de LI. Isso porque, ao associar uma palavra da língua estrangeira com um objeto, o professor, sem conhecimento, estará utilizando da tradução intersemiótica, conceituada por JAKOBSON (1971, p. 64) como sendo o signo verbal traduzido por um não verbal.

Sob esta ótica, os alunos automaticamente pensarão na LM, mesmo que o professor só utilize a LI em sala de aula. Essa atitude dos educandos resulta da

compreensão que os mesmos possuem sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, que só é possível por meio da tradução. Assim, pode-se afirmar que a ela, embora banida da teoria, na prática ela se faz presente.

Após receber duras críticas, sendo apontado como um ensino que não leva em consideração a realidade do educando e da situação de aprendizagem que ocorre na sala de aula, o MD logo foi substituído pelo Método Audiolingual (AL). Este surgiu por volta de 1950 e 1960, sendo muito utilizado nas escolas, pois tinha uma combinação entre linguística estrutural e alicerces behavioristas, no qual o aprendizado de LI era uma condição que exigia do aluno dedicação e compromisso.,

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, surge a necessidade de comunicação entre os países envolvidos, em que os soldados deveriam aprender as línguas dos países que faziam parte desse embate. Além disso, com os processos migratórios gerados por esse conflito, universidades americanas desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de encontrar um método eficiente no ensino de línguas. Dentro desse cenário e como resultado obtido através das pesquisas, por volta de 1950, brota o método audiolingual AL, que, assim como o MD, privilegia a comunicação oral, se opondo ao modo tradicional como o MGT atuava nas escolas.

O método AL, nascido nos Estados Unidos, espalhou-se pelo mundo inteiro, chegando ao Brasil e criando fortes raízes no final da década de 1960. Esse método baseia-se nas teorias behavioristas, segundo a qual o ensino deve ser realizado por meio da imitação, e teoria estruturalista, que se refere à gramática da língua. Nesse sentido, a aprendizagem é realizada através do processo de condicionamento, em que se modificam comportamentos por meio da estrutura estímulo-resposta.

No presente método, a prática precede a teoria, uma vez que primeiro o aluno escuta e aprende a falar para, posteriormente, estudar brevemente a gramática. Em sala de aula há o predomínio de atividades de memorização de diálogos, palavras e padrões estruturais. Assim, esse método tem como pilares, além do desenvolvimento de técnicas de prática oral e auditiva, o estabelecimento de uma ordem para as habilidades que devem ser desenvolvidas pelos educandos: ouvir, falar, ler e escrever.

Um fator positivo que deve ser ressaltado é o uso de novas tecnologias em sala de aula, como as fitas cassetes, CDs e equipamentos audiovisuais. Estes materiais serviam como suporte para professores que não eram nativos da língua-alvo. O livro didático somente era utilizado depois das atividades orais, por ser considerado uma forma de “distração” para os alunos. O professor possuía um livro com diálogos para que pudesse acompanhar as conversações dos CDs.

No entanto, estudiosos da área de línguas perceberam muitas falhas nesse método, uma delas é a prática da repetição que não contribuía para o desenvolvimento da capacidade criativa do aluno. Outros fatores negativos eram a cobrança pela perfeição, a exclusão teórica da tradução e da língua materna da sala de aula, porém na prática elas perpetuam. Todos esses pontos deixaram muitos insatisfeitos, que em busca de outro método eficaz para o ensino de línguas, criaram o método comunicativo, sendo este bastante utilizado atualmente nas escolas e cursos de inglês.

Assim como no MD, o método AL também empregou a tradução em sala de aula, mesmo que de forma involuntária, pois ao utilizar de recursos audiovisuais, o professor realiza a tradução intersemiótica. Nota-se também aqui intensa utilização da tradução intralingual, pois os aprendizes impossibilitados de utilizar a LM, buscavam equivalentes na LA (Língua Alvo) para compreensão dos textos. Dessa forma, ao deparar-se com uma palavra da Língua Inglesa, automaticamente, para que haja compreensão, o aluno traz essa palavra para sua realidade.

Após a descoberta de falhas no método AL, a partir de 1970, surge um novo método, o Comunicativo (MC), que prega acima de tudo as situações que fortalecem a comunicação, onde o aluno passa a ser o centro das atenções. O MC é o método mais recente, porém, não é totalmente empregado, isso porque faltam professores qualificados, que possuam as competências necessárias para trabalhar de acordo com o método em questão. Dessa maneira, a realidade do ensino de línguas atualmente não condiz com as propostas da abordagem comunicativa, no qual o professor não leva o aluno a refletir sobre a importância de aprender uma segunda língua.

O método ou abordagem comunicativa (*Communicative Approach*) surgiu nos anos 60 na Inglaterra com a necessidade de aprender a falar a LI com o surgimento do mercado comum europeu. Este método prosperou-se nas duas últimas décadas do século XX. Essa abordagem no ensino de línguas estima pela interação entre os falantes, sua finalidade e funções linguísticas, ficando em segundo plano ou completamente extinguido o ensino de protótipos gramaticais.

A finalidade do método comunicativo é promover condições que auxiliem na obtenção de um desempenho autêntico numa nova língua por meio da prática com atividades que simulam uma interação válida sobre tópicos reais e preferencialmente com questionamentos.

A competência comunicativa é o oposto da memorização de regras. No entanto, para que a mesma tenha sucesso, deve ser utilizada em ocasiões do dia-a-dia dos alunos, com o intuito de que estes compreendam a importância e a utilidade da língua estudada. Assim, aprender uma nova língua constitui mais do que conhecer vocabulário, gramática ou pronúncia, significa ter capacidade para comunicar-se através da mesma, visto ser esta a finalidade do estudo de uma língua estrangeira, a comunicação.

Sob esta ótica, a língua jamais deve ser tida como uma forma de domínio ou imposição cultural. Logo, a aula deve conduzir o aluno a essa comunicação e a função do docente será de mediador e não de autoridade ou possuidor do conhecimento, pois o professor não pode simplesmente “depositar” conteúdos, ele deve ter certeza de que o aluno aprendeu, caso contrário, o ensino não será válido. Apesar do MC defender a aquisição da competência comunicativa, privilegiando a língua alvo, de certa forma excluindo a LM, ainda prevalecem em sala de aula os exercícios de tradução.

Percebe-se, portanto, que o surgimento de vários métodos evidencia a preocupação em encontrar o “método perfeito” de ensino de língua, que até os dias atuais ainda não foi encontrado. Roman Jakobson (1971, p. 64), importante linguista, citado anteriormente, na tentativa de contribuir para um processo de ensino de línguas eficiente, distingue três maneiras de traduzir: intralingual, signo verbal

traduzido por outro da mesma língua; interlingual, signo verbal traduzido por meio de alguma outra língua e; inter-semiótica, signo verbal traduzido por um não verbal.

Nesta perspectiva, Jakobson discute sobre um dos problemas da tradução, a equivalência, afirmando que “[...] não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, [...]” (JAKOBSON, p. 65). Assim, não existe equivalência total entre língua no que diz respeito à forma, mas sim no conteúdo comunicativo, sendo possível realizar adaptações para que a mensagem tenha sentido. Os estudos desse renomado linguista contribuem para o aprofundamento sobre as questões que envolvem a tradução e pode colaborar para que professores de LI possam fazer uso da ferramenta “tradução” de forma segura e consciente, conhecendo suas potencialidades e limitações no processo ensino-aprendizagem desta língua.

Na realidade, no ensino de LI atual há uma combinação de todos os métodos em sala de aula, pois a cada momento o docente foca em uma modalidade, sendo que a tradução é considerada por muitos como uma quinta habilidade a ser ensinada. Embora alguns métodos tenham banido a tradução, sua presença em sala de aula é inevitável, uma vez que é através dela que se percebem as diferenças entre as línguas, conhecendo diversas culturas e distinguindo os usos das palavras dentro de contextos.

2.1 A importância da cultura para o processo de formação da identidade

O mundo moderno, com o surgimento da globalização, exige cada vez mais a interação entre pessoas de diferentes línguas e culturas, sendo necessário conhecer os costumes de outros países, para melhor compreender a língua e vice-versa. Nesse sentido, a cultura, caracterizada como conjunto de ideias e conhecimentos comuns a um grupo de indivíduos, fazendo parte da tradição, varia de acordo com a cidade, estado ou país. A tradução exerce papel fundamental para, além de compreender a linguagem, conhecer aspectos característicos da cultura de uma nação.

Sob esta ótica, Eco (2007, p. 190) aponta que,

Uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais no sentido mais amplo do termo. (ECO, 2007, p. 190)

Dessa maneira, o professor de LI deve ensinar a seus alunos que, no ato de traduzir, deve-se levar em consideração não apenas a estrutura gramatical, mas o contexto em que as palavras estão ou podem ser inseridas. De tal modo, o ensino da LI necessita ser contextualizado, inserido em um contexto cultural real, para melhor compreensão por parte do aluno da língua que está sendo estudada. Isso só é possível se o docente tiver conhecimento sobre a cultura da língua que ensina, caso contrário, o trabalho não produzirá bons resultados.

Paulo Rónai, em consonância com a ideia apresentada no parágrafo anterior, aponta que “As palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estarem dentro desse contexto” (RÓNAI, p. 21). Com isso, não é mais viável a tradução palavra por palavra, predominante no Método Gramática-Tradução, mas a Abordagem Comunicativa, que leva em consideração a cultura, prezando a comunicação, a interação e, sobretudo, o uso da língua alvo em situações reais, efetivas de comunicação.

Em contrapartida, Walesko (2006) aponta que no ensino atual, muitos professores não percebem a relevância da reflexão intercultural, onde não há contextualização dos conteúdos, e, conseqüentemente, não apresentam uma “outra” cultura aos alunos, ficando presos somente a gramática e a língua materna. Esse ensino tradicional, que predomina até os dias atuais, não permite o desenvolvimento das capacidades crítica e reflexiva do aluno, prejudicando a aprendizagem da LI.

A teoria funcionalista exhibe uma visão ampla da atividade tradutória, sendo que esta, realizada em sala de aula, deve ser inserida dentro de uma situação real para os alunos. Isso porque as palavras, sozinhas, não transmitem um sentido concreto, sendo necessário inseri-las em um contexto. Diante disso, essa mesma teoria aponta que, por estarem inseridos em ambientes culturais distintos, o texto original e o traduzido devem ser analisados de diferentes pontos de vistas, já que cada um possui seu objetivo e resultado particular.

Para ocorrer um ensino satisfatório, o docente de Língua Inglesa deve empregar ferramentas e atividades em sala de aula que incentive o aluno a entrar em contato com a cultura da língua alvo, bem como conhecer suas peculiaridades. Através da tradução, o discente familiariza-se com as formas linguísticas em diferentes contextos, situações corriqueiras da língua alvo. Isso evidencia que “Língua e cultura são indissociáveis” (OUSTINOFF, 2011, p. 119), uma vez que a primeira, por fazer parte dos costumes de um povo, atua como mediadora entre a segunda.

Diante deste cenário, a tradução possibilita estabelecer uma relação dialógica entre pessoas pertencentes a culturas distintas, ocasionando na superação e, conseqüentemente, na aceitação das diferenças, eliminando qualquer tipo de preconceito que possa existir. Além disso, proporciona ao educando o enriquecimento cultural, conhecimento este que facilitara a formação da identidade do mesmo. O diálogo com outra cultura, por sua vez, amplia os horizontes do estudante, que se torna um cidadão mais consciente de seu papel social.

A tradução, como ferramenta pedagógica, ressalta a relação existente entre língua e cultura, uma vez que é ao traduzir um texto que o aluno adquire o conhecimento necessário para sua formação pessoal e profissional. Com isso, ele é capaz de comunicar-se com pessoas que falam a LI, compartilhando informações relevantes, além de estabelecer relações significativas, no qual ocorre a reconstituição do próprio educando. Assim, este vai fazer uma revisão de seus conceitos e atitudes que até então obtinha acerca da aprendizagem da LI.

A interdependência existente entre língua e cultura faz da tradução uma atividade tanto satisfatória, como complexa, já que o ponto fundamental do processo pedagógico nesse ensino é o outro e seus subsídios característicos. Por esse motivo, a apropriação da Língua Inglesa não é uma experiência fácil de ser realizada. Outra questão é a significação das palavras, que não são aqueles apresentados por um dicionário bilíngue, em que é associada a um objeto real, mas como o significado de tais palavras são construídos nas situações cotidianas dos indivíduos, de forma subjetiva.

Umberto Eco (1975, p. 36, *apud* AGRA, p. 4) em seus escritos sobre a semiótica, aponta “[...] que a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação e comunicação e que humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação”. Daí a necessidade de traduzir um texto, levando em consideração toda a sobrecarga cultural presente na língua fonte, adaptando-a o máximo possível à língua alvo.

Entretanto, no processo intercultural não pode ocorrer o predomínio de uma cultura sobre a outra, chamado de aculturação, resultando no enfraquecimento dos costumes de determinado grupo e, conseqüentemente, seu esquecimento e empobrecimento. Devido a isso, é necessário inserir nas aulas de língua inglesa, além da ferramenta tradutória, os componentes tradicionais característicos dessa nação, para que os alunos percebam a importância de se estudar outra língua.

2.2 Tradução e Língua Materna

A utilização da Língua Materna (LM) pelo estudante no decorrer do processo ensino-aprendizagem é quase inevitável, uma vez que o mesmo faz uso da LM para a aprendizagem da Língua Estrangeira. A tática de transposição linguística empregada pelo aluno ao aprender a LE, é baseada no conhecimento que este tem de sua língua materna, assim, o aluno saberá utilizá-la e empregá-la, o que lhe permitindo fazer deduções e comparações com a Língua Estrangeira em estudo. Quando o aprendiz faz uso da LM para inferir significado na LA (Língua alvo) está se apropriando da tradução interlingual conforme a classificação de JAKOBSON (1971)

Conforme Widdowson (1991), a utilização da LM ou da tradução, pode atuar tanto no grau da forma como no grau de uso. O grau da forma dá-se quando a tradução relaciona as duas línguas e o grau de uso ocorre quando o principiante é capaz de reconhecer atos de comunicação como descrição, instrução, identificação que na Língua Estrangeira são apontados de uma forma e na sua própria língua de outra. Assim, a tradução no grau de uso é apresentada como um recurso eficaz,

sendo que o aluno aprende a relacionar e comparar os diferentes modos de promulgar na LM e na LE.

No aprendizado de idiomas, deve-se aprender a empregar a língua estudada para comunicação e para a transmissão de mensagens, principiando de uma cultura já interiorizada – a cultura de língua materna. No entanto, os docentes devem ter maior contato com a LE para que possa alcançar a fluência na língua, recorrendo então à LM para garantir a intercompreensão da fala e reconhecer as diferenças entre os idiomas. Contudo, deve prevalecer o idioma que se pretende instruir-se. Para evitar a utilização da língua materna, o educador deve fazer uso de outros recursos, bem como ilustrações, inferências, conhecimento de mundo e partilhado com a intenção de levar o aluno a compreender o estudo em questão, envolvendo-o no processo ensino-aprendizagem.

Após conhecer os diferentes métodos de ensino da LI, que se desenvolveram ao longo dos séculos como tentativas de encontrar a maneira perfeita de ensino de línguas, nota-se que a maioria exclui a tradução e a LM da sala de aula. Porém, na prática ambas se fazem presentes, uma vez que é somente por meio delas que o aprendiz instrui-se de uma segunda língua. Por esse motivo, acabam por não conseguir que o aluno aprenda a LI, buscando assim a mudança de método.

A tradução, como facilitadora e simplificadora do processo de ensino-aprendizagem, contribui para o desenvolvimento de capacidades crítica/reflexiva dos alunos, promovendo o aperfeiçoamento da LI, como também a ampliação do conhecimento de mundo destes. É por meio dessa ferramenta de ensino que o educando tem acesso a novas realidades e culturas, aprendendo a aceitar as diferenças existentes entre LM e LI. Assim, ao refletir sobre as diferenças entre ambas as línguas, o preconceito e o etnocentrismo são eliminados.

Ao encarar as diferenças como algo natural, o educando se torna um cidadão consciente, com capacidade intelectual elevada. A tradução também possibilita a aquisição de vocabulário, a interação entre pessoas de diferentes países, além de contribuir para a vida social e profissional do aluno. Quem aprende uma língua estrangeira, principalmente o inglês, tem mais oportunidades no mercado de trabalho que aquele falante apenas de sua língua materna.

Conforme Costa (1988, p. 290)

Na realidade, a tradução pode ser considerada como mais uma alternativa ao lado da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita. Do ponto de vista prático, o hábito da tradução (tanto da língua materna para a estrangeira como em sentido contrário) resulta muito útil, porque são inúmeras as situações (tanto no país quanto no exterior) em que se necessita a habilidade tradutória (estudo de textos, auxílio a pessoas monolíngues, tradução de cartas e documentos, etc.) (COSTA, 1988, p. 290).

Dessa maneira, percebe-se a importância do uso da tradução, dentro e fora da sala de aula, para a comunicação, encarada como uma quinta habilidade a ser desenvolvida. Durante a aula de LI, ela facilita a explicação de conteúdos, que são feitos em um tempo eficaz e com maior clareza, se comparados com mímicas e gestos. Estes, além de gastarem muito tempo da aula, podem confundir a mente dos alunos e causar uma má interpretação.

Sob essa ótica, o ato de traduzir não é simplesmente pegar uma palavra do português, olhar em um dicionário bilíngue e transportar para o inglês. Segundo Hurtado Albir (1998, *apud* ARAÚJO E BRANCO, 2012, p. 184), a tradução é mais que um processo de transferência de palavras, sendo uma atividade comunicativa que permite os mais variados usos. Pegenaute (1996, *apud* ARAÚJO E BRANCO, 2012, p. 186) diz que tal ferramenta é um leque de possibilidades didáticas permitindo que os alunos sejam mais ativos e participantes. Isso porque, as atividades de tradução exigem uma maior atenção e reflexão sobre o contexto em que cabe determinada palavra.

Logo, utilizada como ferramenta em sala de aula de LI, também contribui para a valorização da língua materna do aluno, uma vez que ao conhecer outra cultura, automaticamente, o mesmo aprende mais sobre seus próprios costumes. Dessa forma, através do confronto entre as duas línguas, o educando passa a conhecer melhor sua própria linguagem, as estruturas lexicais e gramaticais, conseguindo associá-las para formar frases.

Por meio da tradução, os alunos podem fazer suas próprias descobertas, quanto aos significados das palavras, que a equivalência formal não é uma exigência. Dessa forma, as línguas utilizam de diferentes termos para expressar uma mesma ideia, sendo que uma palavra do português pode expressar outro significado em inglês. O educando compreende também que a importância está em transmitir a mesma mensagem contida no texto original.

De acordo com Harbord (1992, p. 351 *apud* ROMANNELI, 2009, p. 209) o ato de traduzir é uma ação constante do aluno em sala de aula, sendo a estratégia preferida do mesmo para aprender a língua estrangeira

[...] os alunos inevitavelmente (e mesmo inconscientemente) farão uma tentativa de igualar a estrutura da língua estrangeira ou um item lexical com seu correlato mais próximo ou o mais comum na língua materna, independentemente de haver ou não a oferta ou a permissão do professor para traduzir. (HARBORD, 1992, p. 351, *apud* ROMANNELI, 2009, p. 209)

Assim, essa ferramenta está inserida na mente dos alunos, e nas práticas pedagógicas dos professores de inglês, comprovando que é inevitável sua presença em sala de aula. O primeiro ato do aprendiz ao se deparar com uma palavra em inglês é trazê-la para sua própria língua e realidade, por meio da tradução, que permite a compreensão. Não existe outra maneira de aprender a LI, que não seja através do uso da aludida ferramenta.

3 A TRADUÇÃO NO ENSINO-APENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA SOB A PERSPECTIVA DOS DISCENTES DO CURSO DE LETRAS DA UEG-CÂMPUS POSSE

Considerando que a teoria e a prática devem caminhar juntas, o objetivo da presente pesquisa-ação é a possibilidade de sensibilizar e aprofundar as noções dos alunos acerca do referido tema e a transformação da prática de Ensino de Língua Inglesa fundamentado em estudos da tradução.

A pesquisa quantitativa foi a escolhida para o desenvolvimento deste estudo prático, uma vez que pretendeu-se fazer um levantamento de dados, para isso é necessário trabalhar com quantidade. Através dos dados colhidos, teve-se como objetivo observar a importância do emprego da tradução como ferramenta metodológica nas aulas de LI e o conhecimento acerca do referido tema sob a ótica dos professores em formação.

A escolha do modelo de pesquisa quantitativa deve-se ao seu caráter específico, em que determina características de situações reais. Nesse caso, aborda como é vista a questão da tradução, cultura e língua materna por acadêmicos do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no qual serão estabelecidos números precisos.

A pesquisa científica foi realizada na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Posse, que atende alunos da cidade e de toda a região. O fato que motivou a realização da pesquisa na UEG foi a necessidade visualizada durante o período de formação acadêmica de contribuir para aprimoramento das práticas docentes no ensino de Língua Inglesa com foco pedagógico no ensino fundamental e médio, níveis de ensino onde os futuros egressos do curso de letras atuarão enquanto professores de LI, no que se refere ao uso da tradução enquanto ferramenta eficaz no ensino da referida língua. Outro ponto que contribuiu para escolha da Universidade Estadual de Goiás foi o fato de esta apresentar fácil acesso para as pesquisadoras, uma vez que estas ainda fazem parte do corpo discente da instituição. Os entrevistados são acadêmicos do 1º ao 4º ano do curso de Licenciatura Letras em sua maioria do sexo feminino, de classe social baixa à média, com faixa etária dos 17 aos 35 anos de idade. A pesquisa foi realizada nos dias 01 e 02 do mês de setembro do ano de 2014. O instrumento utilizado foi um questionário com onze questões fechadas, divididas em três categorias: Conceitos de tradução, Utilização da ferramenta Tradução e Tradução e Cultura.

A opção pelo questionário foi motivada também pelo fato de ser um instrumento que possibilita maior exatidão nas respostas, e, além disso, permite que o informante se sinta mais a vontade para dar suas respostas já que o mesmo não precisa se identificar.

Conforme já exposto, o questionário foi composto por perguntas fechadas. Sobre o assunto, Cervo, Bervian e Silva (2007, p.53) colocam que:

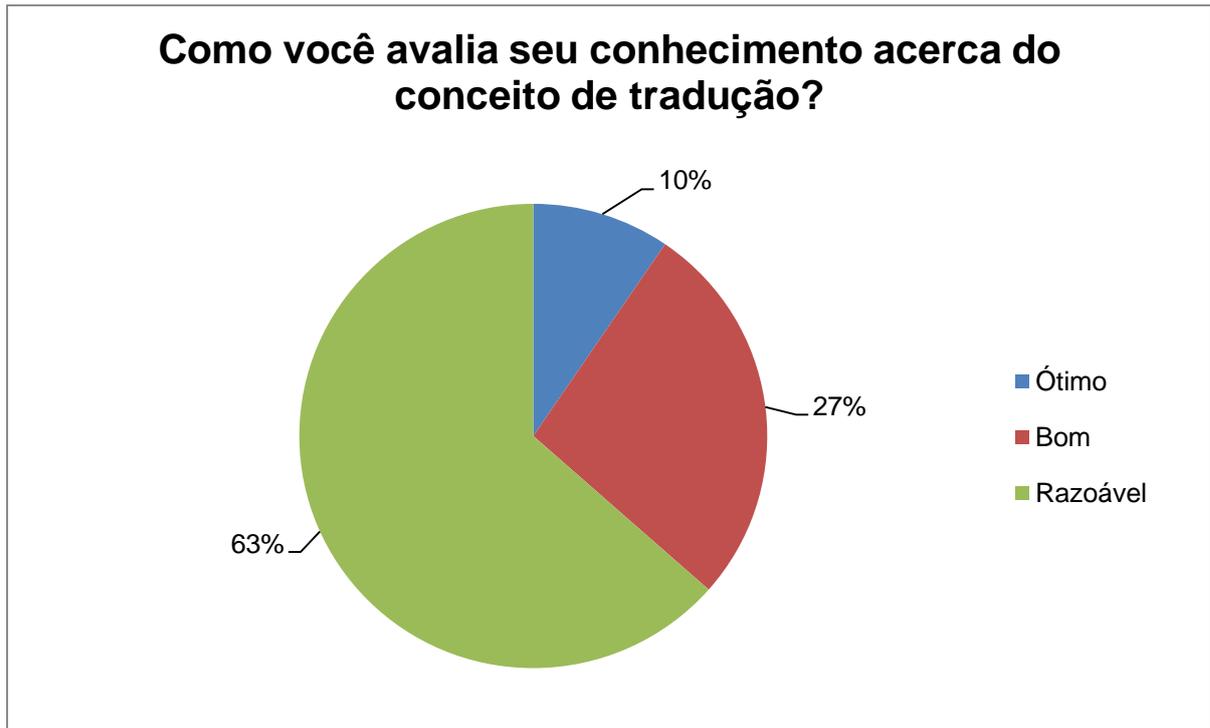
As perguntas fechadas são padronizadas, de fácil aplicação, simples de codificar e analisar. As perguntas abertas, destinadas à obtenção de respostas livres, embora possibilitem recolher dados ou informações mais ricos e variados, são codificadas e analisadas com mais dificuldade.

Segundo Parasuraman (1991, P.09) “um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar dados necessários para atingir os objetivos do projeto”. No entanto, Lopes (2006, P.241) afirma que os questionários fechados “são elaborados e utilizados em pesquisa [...], para dar apoio ao pesquisador em sua coleta de dados.[o mesmo] deve ser claro e de fácil interpretação tanto para o entrevistado como para o entrevistador”.

O estudo realizado torna-se relevante tanto para esta comunidade escolar quanto para o meio acadêmico, pois traduz dados importantes que podem auxiliar os futuros professores na construção e aprimoramento de práticas de ensino de Língua Inglesa no que se refere ao uso da ferramenta Tradução tanto no processo de formação acadêmica quanto nas suas futuras práticas pedagógicas.

A proposta foi bem aceita pelos alunos, onde colaboraram sem objeções. Após aplicação do questionário foram reunidas as informações obtidas por meio dos instrumentos em um único arquivo, pergunta a pergunta com respectivas respostas. Esse procedimento facilitou a visualização do todo, contribuindo para a concatenação das ideias expostas e posteriormente para representação através de gráficos. Foi empregada a técnica estatística da porcentagem, visando a um melhor entendimento dos resultados.

3.1 Análise dos Gráficos

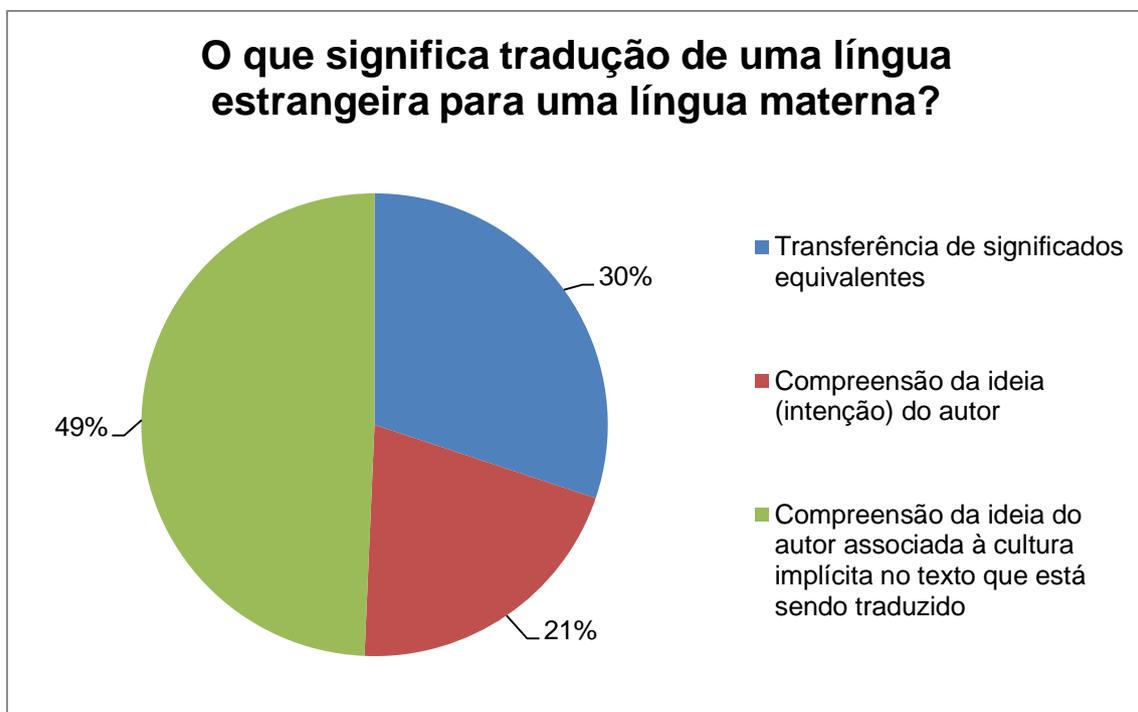


Categoria 1 – Conceitos de tradução – Questão 1

A tradução apesar de frequentemente utilizada na sala de aula, é muitas vezes considerada como um processo banal para o ensino de Língua Inglesa. Esse pensamento se dá por meio da falta de conhecimentos a respeito da ferramenta em questão. Na pesquisa científica realizada no curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Posse, 63% dos alunos avaliam seu conhecimento acerca do conceito de tradução como razoável, resume-se aí o motivo pelo qual essa ferramenta é tão banalizada. Muitos utilizam a ferramenta, porém, não tem ciência do que realmente seja e como pode ser utilizada. Mas esta confusão é gerada não só no campo universitário em questão, vários estudiosos apontam definições distintas que acabam gerando conflitos entre os usuários desta ferramenta.

Apenas 10% dos discentes compreendem inteiramente o significado da tradução, um número insignificante que conseqüentemente acaba comprometendo o ensino da língua Inglesa. Em razão disto, esta seria uma questão que deveria ser trabalhada tanto no campo universitário como em outros níveis de ensino. É preciso entender que para a utilização de qualquer ferramenta, deve-se saber do que se trata, qual o seu objetivo e especialmente, em que contextos pedagógicos, estas podem ser efetivamente utilizadas.

Para que a utilização da ferramenta em estudo seja favorável, é necessário estar ciente de que a mesma não se resume apenas na transposição de palavras, mas, na transposição de ideias, saberes e culturas. Nesse sentido, Michael Oustinoff (2011, p. 12), diz que sem a tradução a comunicação fica comprometida ou se torna impossível, sendo então imprescindível o uso desta ferramenta para a compreensão de outra língua. Já Checchia (2002, p. 81), menciona a tradução como um processo natural, que sempre acontece, mesmo quando não explicitamente. Para o escritor, traduzir é entender o que está sendo comunicado.



Questão 2

Em relação ao significado da tradução de uma língua estrangeira para uma língua materna, 49% dos alunos da universidade acreditam que seja a compreensão da ideia do autor associado à cultura implícita no texto que está sendo traduzido. Assim, ao se utilizar o instrumento, é preciso ter em mente que não está apenas traduzindo palavras, mas também culturas. Deve-se, portanto, ao aprender uma nova língua levar em consideração uma cultura já interiorizada, a cultura de língua materna.

De acordo com Revuz (1997,p. 2015)

(...) a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se apreender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. (REVUZ, 1997, p. 215)

Diante do que foi exposto, o indivíduo é capaz de aprender uma LE só pelo fato de já possuir uma primeira língua (LM), assim, o docente pode valer de mecanismos diferentes para facilitar a aprendizagem do inglês, como ilustrações, conhecimentos de mundo ou até mesmo práticas de ensino como o *scanning* e o *skimming*, levando o aluno ao envolvimento e a compreensão do estudo em questão.

Os PCNs – LE expõe que uma das estratégias relevantes para o ensino de uma segunda língua é a transferência do que é conhecido como usuário de sua LM para a LE.

Um dos procedimentos básicos de qualquer processo de aprendizagem é o relacionamento que o aluno faz do que quer aprender com aquilo que já sabe. Isso quer dizer que um dos processos centrais de construir conhecimento é baseado no conhecimento que o aluno já tem: a projeção dos conhecimentos que já possui no conhecimento novo, na tentativa de se aproximar do que vai aprender. (PCNs-LE, 1998)

A tradução facilita o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento de capacidade crítica e reflexiva dos alunos, tornando-os ativos e participantes. Por meio desta ferramenta de ensino os educandos tem acesso a novas realidades e culturas, refletindo, portanto, sobre as diferenças entre ambas as línguas, tornando-se um cidadão consciente, com capacidade intelectual elevada. O uso desta ferramenta contribui também para a valorização da LM do aluno, uma vez que ao confronta-la com a LI, o discente acaba por conhecer melhor a sua própria língua e ao conhecer outra cultura, automaticamente, o discente aprende mais sobre seus próprios costumes.

Cerca de 30% dos alunos responderam que a passagem de uma língua estrangeira para uma língua materna seria a transferência de significados equivalentes, no entanto, por meio da tradução, os discentes podem fazer suas

próprias descobertas quanto aos significados das palavras, sendo que a equivalência formal não é uma exigência. Assim, pode-se utilizar diferentes termos para expressar uma mesma ideia, como também há palavras da língua portuguesa que pode expressar outro significado na língua inglesa. Portanto, o que deve ser considerado é a compreensão da mensagem que foi transmitida.

Dessa forma, a tradução está inserida na mente do aluno juntamente com a sua língua materna, ambos são indissociáveis. Ao se deparar com a língua estrangeira, o aluno inevitavelmente irá trazê-la para a sua própria língua, por meio da tradução. Com isso, aos poucos o mesmo acaba percebendo que não é possível haver uma simetria entre as línguas, compreendendo que cada língua possui suas particularidades.



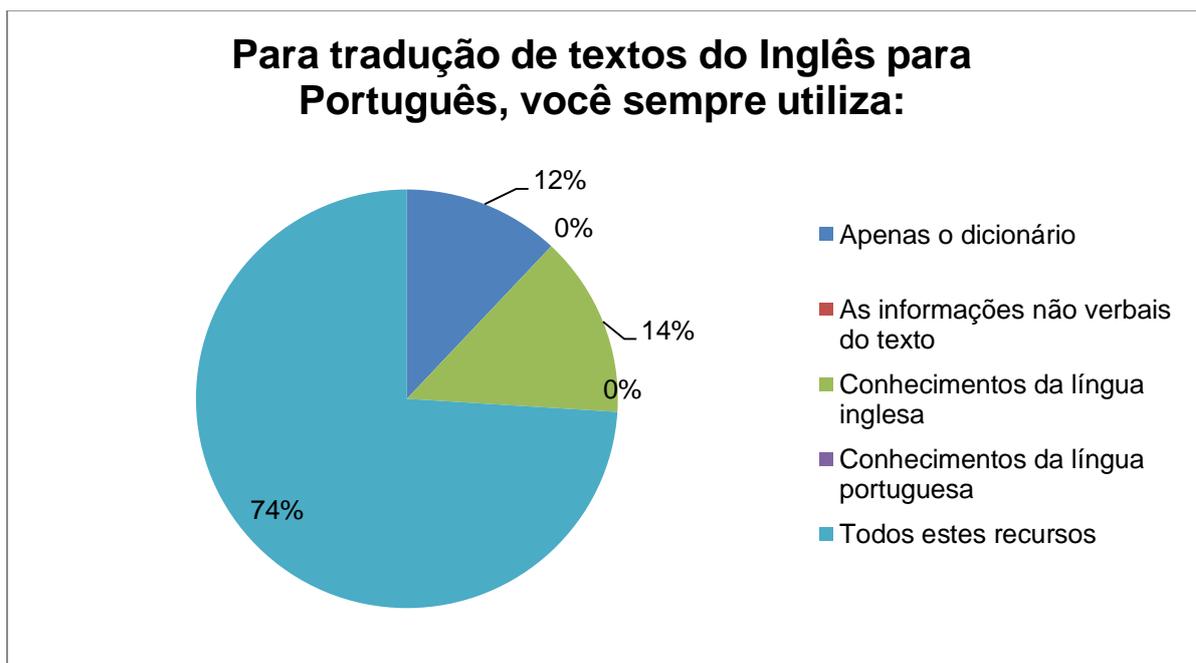
Questão 3

Desde que se faça bom uso da tradução, a mesma torna-se uma atividade facilitadora no ensino de línguas estrangeiras. Ao ser questionados sobre o conhecimento relacionado aos tipos de tradução, a maior parte dos alunos disse conhecer parcialmente. No entanto, os tipos de tradução são usados diariamente pelos alunos e acaba passando por despercebidos. Na verdade, os discentes

utilizam os tipos de tradução, mas, não conseguem conceitua-los ou até mesmo, não sabem que é um tipo de tradução.

Segundo Jakobson (1971), há três tipos de tradução: Intralingual, Interlingual e Intersemiótica. A primeira trata-se da interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua, esta pode ser encontrada nos dicionários, ou até mesmo quando fazemos inferências de outras palavras com o mesmo significado, chamadas de sinônimos. A segunda refere-se à interpretação de signos verbais através de outra língua. Assim, ela está presente quando se utiliza a língua materna para entender a língua alvo. Por último a Intersemiótica, que é a interpretação de signos verbais através de sistemas de signos não verbais, como a utilização de imagens e expressões faciais.

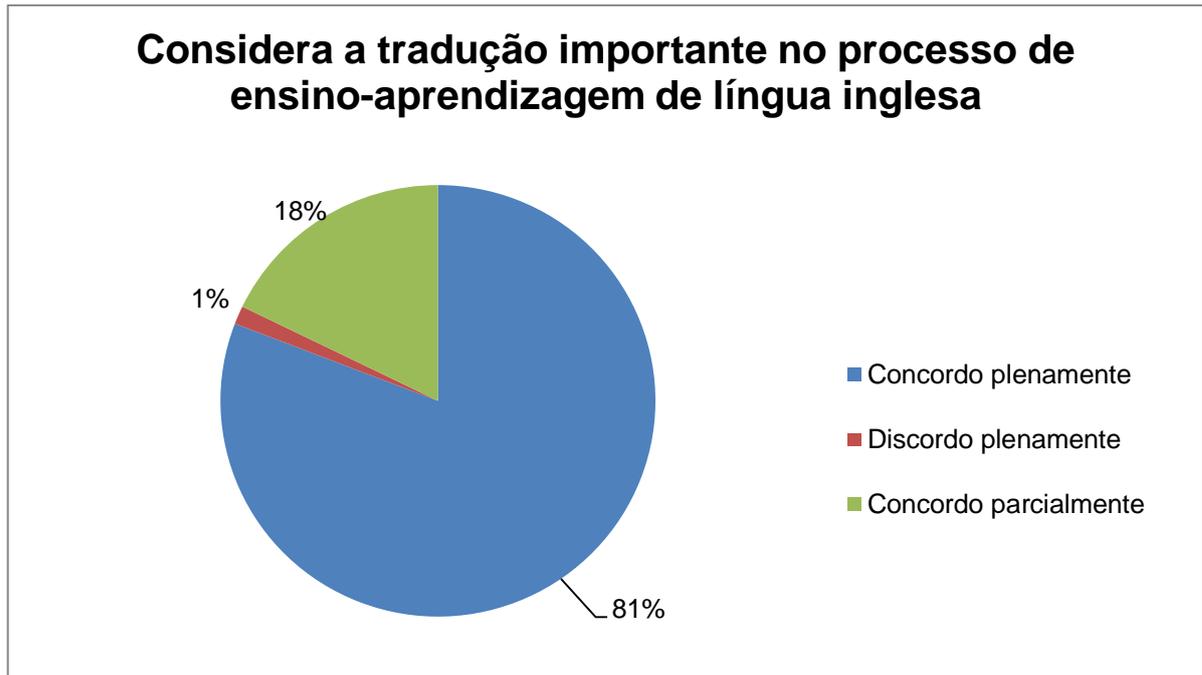
Na sala de aula podem ser utilizados os três tipos de tradução, no entanto, o docente deve optar pela que for mais complacente ou de melhor recurso no momento, avaliando o aprendizado do aluno. É importante lembrar que é necessário que se atenda as necessidades provindas dos educandos e não privilegiar apenas a facilidade ou a acomodação na tradução de textos.



A tradução é um processo antigo, mas, utilizado até hoje no processo ensino-aprendizagem. Muitos criticam essa ferramenta por não saberem realmente o que seja e como utilizá-la. Na pesquisa científica realizada, 74% dos acadêmicos disseram utilizar todos os recursos que foram citados no gráfico. Isso é importante, pois todos estes recursos são importantes para a tradução de textos. Os estudantes dão importância também aos conhecimentos da Língua Inglesa no ato de traduzir. No entanto, deve-se ressaltar que a LI somente não é o suficiente para a tradução de um texto em outra língua. É necessário uma bagagem de conhecimentos e o uso de ferramentas adequadas.

Já 12% dos estudantes mencionaram que utilizam apenas dicionários para a tradução de textos do Inglês para o Português, no entanto, ao utilizar apenas este mecanismo, a tradução do texto se transforma em um processo mecânico e aleatório, correndo o risco de não conseguir chegar ao objetivo principal que é a compreensão da ideia que o autor quer passar. Nenhum acadêmico mencionou que utiliza das informações não verbais do texto e dos conhecimentos da Língua Portuguesa.

Contudo, para que haja tradução, deve-se levar em estíma todos os elementos, dependendo do contexto. Lembrando que não é possível a tradução de uma língua para outra sem a utilização da LM, o uso da Língua Portuguesa é imprescindível para quem almeja a tradução de um texto. Já, os outros mecanismos que foram expostos vão variar conforme a situação.



Questão 2

A tradução constitui uma importância significativa no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, pois além de ser a adaptação de uma língua para a outra, envolve também a integração linguística e cultural. Em concordância 81% dos alunos avaliam a tradução de fato muito importante.

De acordo com Costa (1988, p. 290)

[...] o uso da tradução, desde o início e de forma sensata (ou seja, de forma a auxiliar e não a prejudicar o aprendizado da estrangeira) significa deslocar o ponto de vista do ensino de língua, da cultura estrangeira para a cultura do aluno. Não se trata de mero nacionalismo inócuo, mas de dirigir o ensino segundo os objetivos práticos e culturais de quem está aprendendo (COSTA, 1988, p. 290).

Diversos autores ressaltam a importância desta ferramenta no ensino. Acredita-se que a mesma ultrapassa possíveis efeitos negativos desde que usada adequadamente. De acordo com Costa (1988), a tradução é uma boa prática, entretanto, deve-se aprender a traduzir ideias e não palavras. Assim, a tradução constitui uma boa atividade mental, pois envolve a memorização e desenvolve habilidades na utilização da língua de maneira criativa.

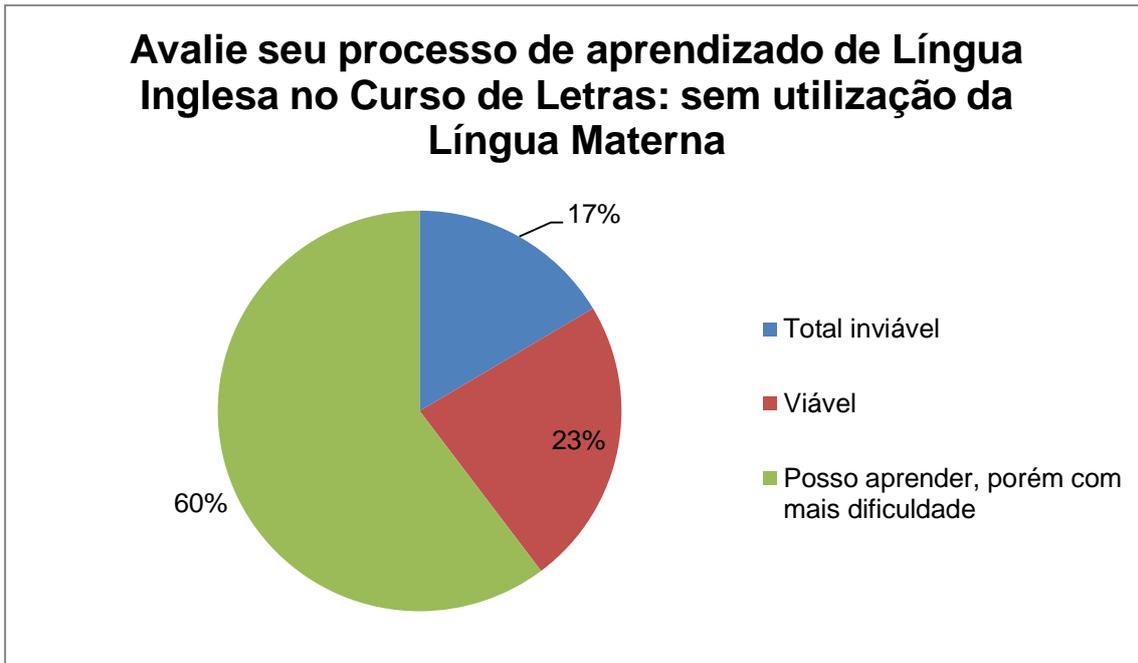
Segundo Ridd (2000 *apud* GEIESTA, 2011, p.3), a tradução se faz importante, pois, possibilita que o aluno perceba, através da comparação e contraste, peculiaridades de sua língua e da que está aprendendo; espera-se que o estudante seja capaz de traduzir também fora da sala de aula; configura-se como oportunidade de uso de material autêntico pelos professores e de desafio à intelectualidade discente e resulta em melhor domínio de novo vocabulário.

Souza (1999, *apud* BRIKS, p. 161) e Romanelli (2006, *apud* BRIKS, p. 161) assinalam alguns benefícios da tradução para o ensino-aprendizagem de LEs: a tradução é bem-vinda ao se estudar uma LEs para fins específicos e, quanto maior a distância que há entre a língua materna e a língua alvo, maior será a utilidade da tradução. Além disso, o uso desta permite ao educando fazer contato entre o conhecido e o desconhecido, ocorrendo, assim, uma confrontação cultural mais densa entre os dois idiomas, o que dá ao discente um maior domínio da cultura de chegada.

Widdowson (*apud* ROMANELLI, 2009, p. 212-213) menciona que:

O aluno através da tradução também aprende mecanismos de funcionamento e, por meio desta, é conscientizado e ajudado a compreender que o que funciona numa língua não necessariamente funciona numa outra. Sendo assim, a tradução faz com que os alunos percebam que as línguas utilizam meios diversos para expressar a mesma informação (WIDDOWSON *apud* ROMANELLI, 2009 p. 212-213).

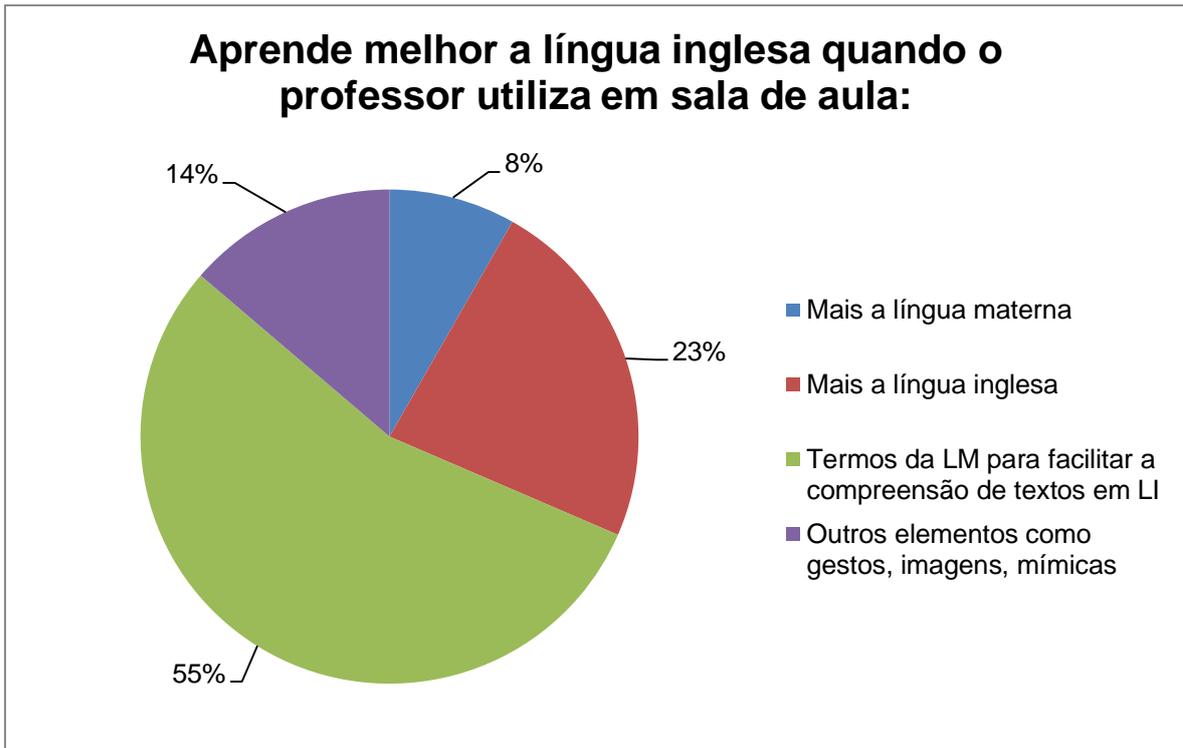
Enfim, há inúmeras vantagens ao utilizar a tradução como ferramenta de ensino, sendo que além dos benefícios citados anteriormente, esta ferramenta instiga o aluno a descobrir melhores soluções e a colaborar com os outros para alcançar a um texto final que juntos consideram a melhor tradução plausível. Percebe-se, portanto, o papel social que a tradução insere, pois posiciona o aluno diante da alteridade cultural não traduzível e, conseqüentemente, coloca em conflito sua identidade, perpetrando com que o educando reflita no que ele é e o que possa vir a ser, colaborando então para uma mudança intelectual e social.



Questão 3

No processo de aquisição de uma língua estrangeira, é quase inevitável o uso da LM, pois é através da língua materna que o aprendiz tem a construção de suas ideias, estabelecendo seu conhecimento e a utilização acerca da língua estrangeira estudada. Dessa forma, é levado para o processo ensino-aprendizagem o conhecimento que o aluno tem de sua língua materna que permite além da compreensão, comparações com a língua estudada. Segundo JAKOBSON (1971), ao utilizar-se da LM para entender o significado na LA (Língua alvo), o aprendiz está apropriando-se da tradução interlingual.

Segundo Revuz (1997), para que se aprenda uma segunda língua é necessário ter a primeira língua como referência, que é a LM. Nesse sentido, referente à avaliação sobre o processo de aprendizado de Língua Inglesa no Curso de Letras, sem a utilização da Língua Materna, 60% dos alunos entrevistados compreendem que podem aprender, porém com maior dificuldade. Já 23% responderam que é viável e 17% disse que é totalmente inviável. Conclui-se, portanto, que os alunos ainda não estão conscientes de que é impossível o aprendizado de uma segunda língua, eliminando a língua materna, pois é necessário compreender o cenário do texto que está sendo traduzido.



Questão 4

O gráfico acima apresenta a opinião dos acadêmicos sobre algumas táticas utilizadas por professores de línguas em sala de aula e quais dessas estratégias melhor contribui para a aprendizagem dos mesmos. Dessa maneira, mais da metade dos entrevistados (55%) tem ciência da importância da LM no processo de aprendizagem de LI, defendendo que o uso da primeira facilita a compreensão da segunda. Isso comprova que os professores do curso de Letras da Unidade Universitária de Posse utilizam a LM, por consequência a tradução, como auxiliadora do processo de ensino-aprendizagem da LI.

Nesse contexto, ao refletir sobre o ato de aprender uma segunda língua, não tem como deixar de lado a língua nativa do indivíduo, uma vez que esta é considerada por muitos estudiosos da tradução como facilitadora da aquisição de novos conhecimentos. O aluno, automaticamente, recorre a sua própria realidade para compreender outras, aproximando a LI da LM. Com esse ato ele é capaz de compreender as diferenças existentes entre ambas, passando a aceitá-las.

Os PCNs de língua estrangeira (Parâmetros Curriculares Nacionais - 1998) cita o uso da LM como estratégia preferida dos alunos para aprenderem uma segunda língua. Do mesmo modo, também reforça que:

Essa estratégia de correlacionar os conhecimentos novos da língua estrangeira e os conhecimentos que já possui de sua língua materna é uma parte importante do processo de ensinar e aprender a Língua Estrangeira. Tanto que uma das estratégias típicas usadas por aprendizes é exatamente a transferência do que sabe como usuário de sua língua materna para a língua estrangeira. (PCNs - LE, 1998, p. 32).

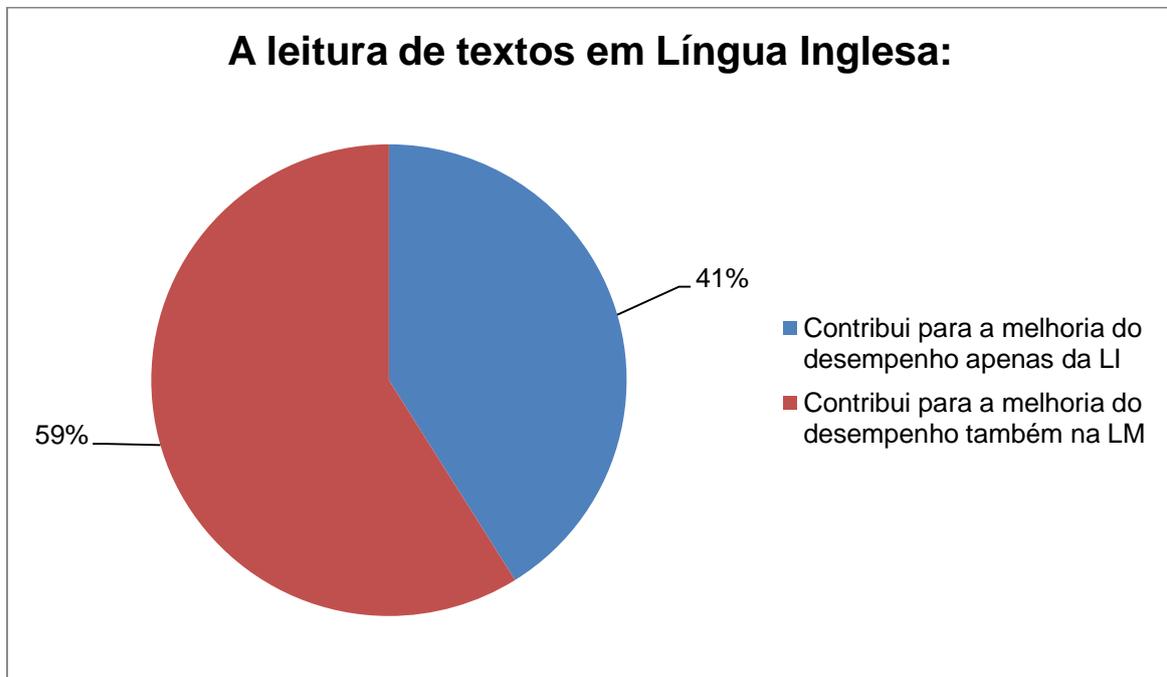
Embora sejam orientações dadas para o ensino de línguas direcionado a alunos do ensino fundamental, pode-se, claramente, transportar essa realidade ao curso de graduação na Universidade. Mesmo que sejam realidades dessemelhantes, em relação ao nível de ensino, a estratégia de uso da LM vale para ambas as fases de educação. Isso não é simplesmente uma fala, mas um dado que comprova a relevância do uso consciente da LM em sala de aula de LI como benefício aos aprendizes.

Outra questão que deve ser ressaltada é a de que 23% dos alunos acreditam que aprendem melhor o inglês quando o professor utiliza mais esta língua em sala de aula. Logicamente, isso é importante, pois facilitará o desenvolvimento da oralidade e pronúncia do aluno. Nesse caso, ocorre a tradução intralingual (JAKOBSON, 1971), em que o professor utiliza termos da LI para explicar a própria língua.

Sob esta percepção, a LM não é totalmente excluída, mas utilizada com cautela e quando necessário, assim como a tradução também deve ser usada com responsabilidade. No entanto, o uso desregrado da língua nativa, com enfoque apenas no ensino tradicional da gramática, pode prejudicar a aquisição de habilidades orais e na compreensão da LI. Assim como, a exclusão da língua natural do educando da sala de aula também pode prejudicar a aprendizagem da LI.

Ainda que conhecedor da importância da língua nativa do aluno na aprendizagem de um segundo idioma, isto não quer dizer que o professor deva ficar somente preso a ela. O importante é equipar-se de todas as ferramentas importantes e disponíveis para o ensino da LI, só que usando-as de forma equilibrada, benéfica aos alunos e, sobretudo com objetivos bem definidos, buscando um aprimoramento para empregar mais a LI na sala de aula. Dessa forma,

utilizando de dosagens adequadas, a LM contribui imensamente para a construção de cidadãos bilíngues.



Questão 5

Ao serem questionados sobre a leitura dos textos em LI, 59% dos acadêmicos apontaram que além de melhorar o inglês, contribuiu também para o aperfeiçoamento da LM. Isso é evidente, uma vez que o indivíduo passa a estabelecer relações entre a sua língua e a que pretende instruir-se, observando semelhanças e diferenças, conseguindo ampliar os conhecimentos que tem de seu próprio idioma. Por meio do estudo e da leitura de textos na LI, o educando compreende as diferenças estruturais de ambas as línguas, bem como o funcionamento da linguagem, obtendo maior consciência de sua própria fala.

De acordo com CAMPOS (1986) quando o tradutor se depara com palavras e expressões que não tenham correspondência na língua – meta, ele acaba por aderilas, naturalizando-as ao português. Esse ato recebe o nome de estrangeirismo, que enriquece o vocabulário da LM, já que estas palavras e/ou expressões são transformadas em convenções, utilizadas por toda a sociedade. Assim, através dessa ação, é possível observar que a barreira do preconceito vai sendo quebrada,

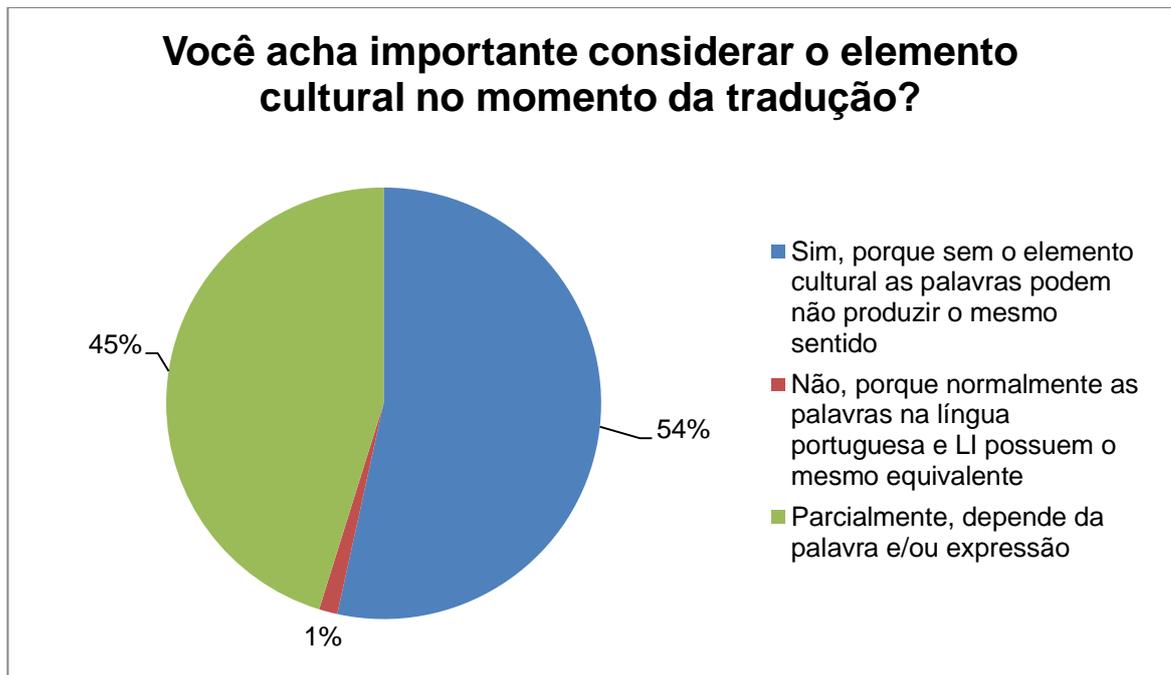
uma vez que ocorre uma mistura cultural por meio da aceitação daquilo que não é nativo.

O estudo de fenômenos da LI, como a variação do inglês britânico para o americano, pode facilitar o entendimento do acadêmico sobre as variações linguísticas. Esse conhecimento pode levar o aluno a pensar, com um novo olhar, sobre as variações de sua própria língua, percebendo que isso é um fator comum, existente em todas as línguas e que é preciso aceitar os diferentes falares com naturalidade. Assim, a compreensão de que em ambos os idiomas existe a linguagem formal e a informal também é percebido por meio das variações linguísticas, em que o educando distingue em quais momentos adequados para utilizar esses tipos de linguagem.

Outro fator relevante é que, para aprender uma Língua Estrangeira é necessário conhecer muito bem a própria língua, uma vez que será preciso, muitas vezes, recorrer a esta para compreender a mensagem transmitida pela outra língua. Com isso, é importante ter a consciência de que para aprender um segundo idioma deve-se levar em consideração a própria língua, os conhecimentos que se tem desta.

A ideia de que a leitura de textos em inglês contribui apenas para a aprendizagem da LI foi apontada por 41% dos alunos. Essa afirmação esta incompleta, sendo necessário que retirasse a palavra 'apenas' para ela ficar correta. No entanto, isso mostra que os acadêmicos ainda não compreenderam os benefícios que a aprendizagem de um segundo idioma pode trazer para a sua língua nativa.

Portanto, é preciso que haja uma conscientização, reflexão sobre o que interfere, o que é fundamental para a aprendizagem de um segundo idioma. Isso porque, o contato com outra língua contribui para uma meditação sobre a LM, em que o indivíduo faz comparações e descobre características próprias de cada língua. Com isso, uma não impera sobre a outra, mas convivem de forma amigável, que contribui para o enriquecimento da primeira língua do indivíduo.



CATEGORIA 3 – TRADUÇÃO E CULTURA - Questão 1

A questão cultural é algo que deve sempre acompanhar o processo de tradução, já que, conforme CAMPOS (1986) a tradução não é simplesmente a passagem de uma língua a outra, mais que isso, é um processo de transferência cultural. Nesse sentido, 54% dos acadêmicos questionados concordam com a afirmação de que o elemento cultural é relevante para o ensino-aprendizagem da LI, uma vez que sem ele, as palavras podem ser distorcidas de seu sentido real, acarretando na incompreensão da mensagem.

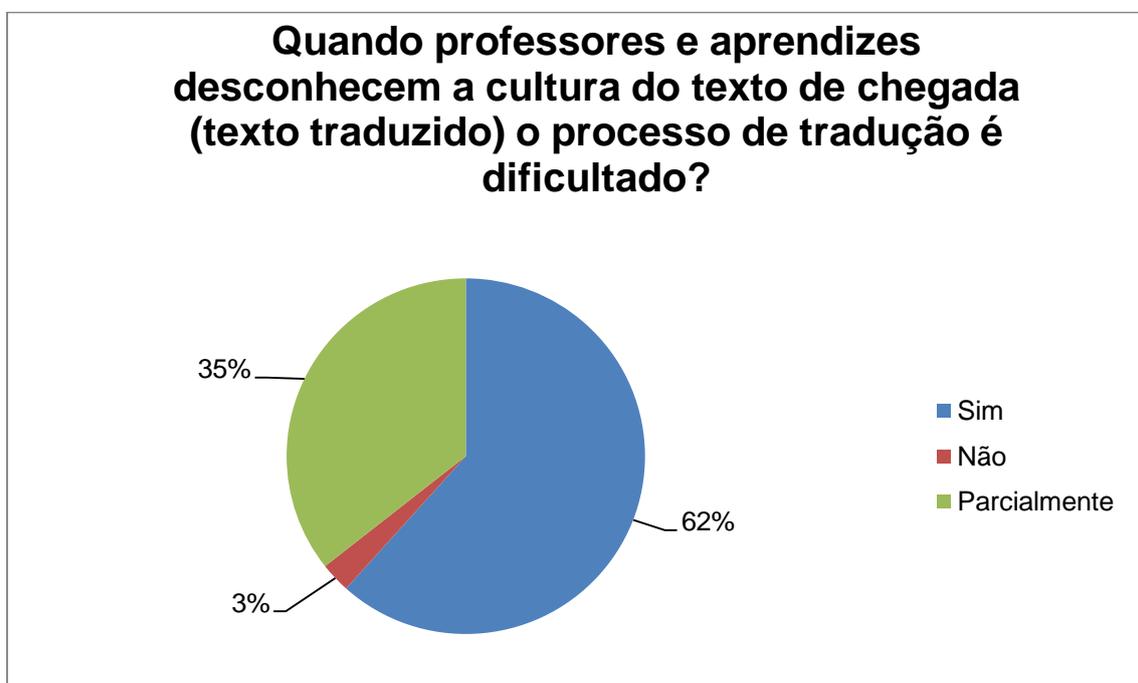
Assim, observa-se que a tradução de palavras isoladas, além de não emitirem sentido, não contribui para a aprendizagem do aluno. A partir desse apontamento, por meio dessa atividade maçante, o acadêmico passa a se questionar sobre a validade de aprender uma segunda língua e em que isso vai contribuir para a sua vida fora da sala de aula. É necessário um trabalho árduo que envolva, além de conteúdos, a carga cultural carregada por cada língua.

Embora a maioria dos alunos reconheça que a cultura deve ser levada em consideração na hora de traduzir um texto, outra parte (45%) defende que nem sempre é preciso recorrer a ela, devendo ser utilizada em apenas alguns casos.

Essa visão distorcida é consequência da falta de reflexão sobre a aprendizagem de uma LE e quais fatores influenciam o ato de traduzir.

Estes alunos ainda não compreenderam que tanto a LM quanto a LI pertencem a culturas distintas e que, uma palavra que apresenta um significado na primeira língua pode ganhar um significado totalmente diferente na segunda. Conforme OUSTINOFF (2011) a tradução consiste não somente em transferir significados de palavras isoladas de um idioma para outro, mas de um sistema de signos para outro. Esse sistema de signos envolve as convenções estabelecidas pela sociedade, que também representa crenças e costumes de um povo.

Sob esta ótica, pode-se afirmar que o sentido da palavra varia de acordo com a cultura em que ela é inserida. Portanto, de forma nenhuma se deve desconsiderar a carga cultural de um texto da LI ao traduzi-lo para a LM. Antes de iniciar a análise e tradução de um texto, é necessário compreender o meio em que o mesmo foi produzido para que, posteriormente, possa leva-lo para outra realidade, fazendo as adaptações devidas.



Questão 2

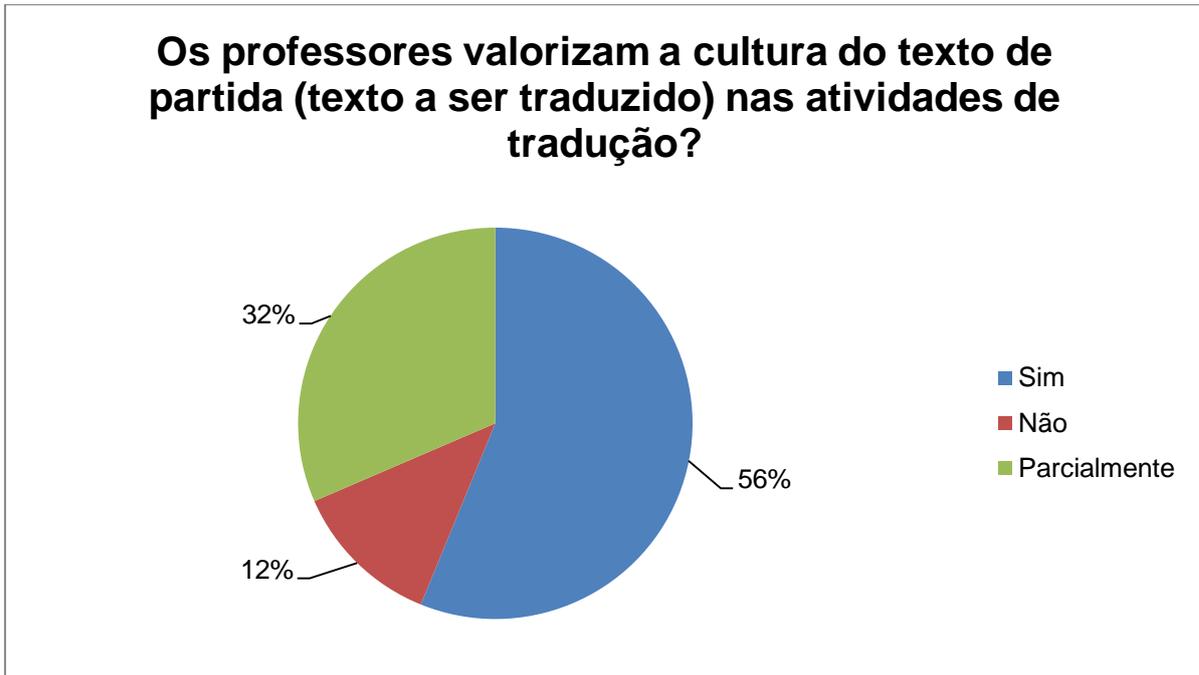
Para que ocorra a tradução é necessário haver o texto de partida (texto a ser traduzido) e o texto de chegada (texto traduzido). A tradução é o processo, a ponte que liga ambos os textos. E nessa “ponte” não passa somente significados estáticos de palavras e/ou expressões, mas palavras/expressões marcadas pela tradição e costumes de um povo. Com isso, percebe-se que esse processo não é estático e nem simples de ser realizado, mas algo dinâmico que deve ser efetivado com muita cautela, sempre levando em consideração aspectos que são relevantes para uma boa aprendizagem.

Conforme 62% dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras, quando professor e aluno desconhecem a cultura do texto de chegada, o processo de tradução é sim dificultado. Isso porque, como dito anteriormente, a tradução está intimamente ligada à cultura, ambas são inseparáveis. Caso haja a separação entre esses dois termos, a mensagem fica comprometida.

Em relação ao processo tradutório, RÓNAI (2012, p. 24) afirma que trabalhar com textos em inglês no ambiente linguístico brasileiro requer ao máximo uma adaptação aos costumes destes que falam o português. Assim, a adaptação não é possível se o aluno não conhece a cultura de ambas as línguas, como também a LI não contribui para o enriquecimento cultural e linguístico da LM.

O docente, mais que o discente, deve conhecer a cultura de ambos os textos (chegada e partida) para poder transmitir as informações necessárias da cultura do texto em inglês, ensinando que esta influencia muito no ato de traduzir e aprender um segundo idioma. Se o professor não conhecer os arcabouços culturais que envolvem a LI, ocorre um processo tradicional de tradução, que não contribui em nada para a aprendizagem e desenvolvimento intelectual do acadêmico.

Uma parcela de acadêmicos (35%) respondeu que o desconhecimento da cultura não prejudica o processo de tradução. Realmente, a tradução ocorre, porém de maneira mecanizada e descontextualizada, que não serve para o aluno refletir sobre as diferenças de ambas as línguas. Essa é a visão desses alunos, que talvez estejam acostumados com o ensino tradicional, e não pensam ser relevante o estudo da LI. Por isso, ainda não refletiram sobre as questões que envolvem a aprendizagem da LI, por meio da tradução.



Questão 3

Quanto à valorização da cultura do texto de partida (texto em inglês) nas atividades de tradução, 56% dos acadêmicos responderam que sim, o educador valoriza a cultura da LI, bem como transmite esses conhecimentos aos educandos. Dessa forma, nota-se que professores e grande parte dos alunos são conscientes do aspecto da tradição que está presente em ambas às línguas e que interferem no processo de tradução.

Nesse sentido, como já foi mencionado, as palavras existem dentro de um contexto, sendo dentro dessa totalidade que os sentidos são construídos e as mensagens transmitidas. Por isso não se pode trabalhar com as palavras fechadas, extremamente ligadas a significados definidos, que é o caso da tradução literal. O professor deve orientar seus alunos que não se deve prender a palavras, mas traduzir a mensagem, que não é necessariamente palavra por palavra. Esse processo, além de maquinal, contribui para a marginalização da disciplina.

Em contrapartida, a utilização do elemento cultural, bem como de informações sobre os costumes dos ingleses é um atrativo para as aulas de LI, onde o aluno depara-se com um conhecimento novo e válido, ou seja, podem servir ao aluno fora do contexto escolar. Nesta perspectiva, o principal objetivo de aprender um segundo

idioma é estabelecer diálogo entre línguas e culturas, que possibilitam o enriquecimento de ambas, e que os conhecimentos produzidos sejam apropriados para a vida dos alunos.

Eugene E. Nida (1964, *apud* OUSTINOFF, 2011, p. 57) em sua obra cita um exemplo do porque se deve levar em consideração a cultura na hora de traduzir

[...] como fazer entender a parábola da boa semente e do joio a indianos do deserto, para os quais todo grão deve ser cuidadosamente enterrado e protegido e não semeado ao vento? Aferrar-se à letra faz correr o risco de uma distorção radical do sentido: naquela civilização, semear é em si um ato aberrante, não poderia então segundo ele, utilizar as mesmas palavras. (Eugene E. Nida, 1964, *apud* OUSTINOFF, 2011, p. 57)

A citação acima representa claramente os problemas que podem surgir quando não se considera a carga cultural de um povo no processo de tradução. Isso pode claramente ser transferido para a sala de aula, onde se os alunos não tem acesso aos conhecimentos relacionados a tradição da LI, não podem construir sentidos e significados na sua própria língua. Portanto, é de fundamental importância que os professores ensinem de forma atenta a LE, considerando a conjuntura cultural.

Diante da prática e análise dos dados obtidos pôde-se verificar que os acadêmicos do curso de Letras compreendem a importância da tradução na aprendizagem da LI, mesmo que a pesquisa tenha apontado que os mesmos não conhecem profundamente os conceitos e funcionalidades da tradução. Isso porque, talvez, a tradução como ferramenta não seja muito discutida em sala de aula, por não compor a ementa de nenhuma disciplina do currículo do curso. No entanto, eles reconhecem que para a aquisição de uma segunda língua, a tradução torna-se uma prática indispensável.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa foi a interferência da cultura e LM no processo de tradução, onde grande parte dos alunos reafirmaram sobre a impossibilidade de trabalhar com a presente ferramenta sem levar em consideração esses dois elementos. Nesse sentido, a maioria dos acadêmicos respondeu que a

LM facilita a compreensão da LI e que esta contribui para a aprendizagem da primeira.

Portanto, a realização desta pesquisa possibilitou o conhecimento sobre a tradução na prática da sala de aula de LI, em que se observou o conhecimento dos alunos sobre a sua importância no ensino-aprendizagem da língua em questão. Com isso, foi possível constatar também que grande parte dos discentes considera que a tradução de um texto fica comprometida caso não se leve em consideração a cultura de ambas as línguas. Eles têm essa consciência porque os professores de LI levam para a sala de aula além da língua estrangeira, os costumes dos falantes desta língua.

CONCLUSÃO

Na busca pelo aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, observou-se a necessidade de reavaliar a importância da tradução como ferramenta de ensino, os benefícios, a sua história e o seu verdadeiro significado, uma vez que a utilização da tradução no ensino de Língua Inglesa, apesar de uma ferramenta antiga foi e ainda é muito utilizada na sala de aula.

De gerações a gerações, vários métodos foram lançados, desde o MGT até o mais utilizado atualmente, MC, com o intuito de aperfeiçoar e adequar o ensino da Língua estrangeira, no entanto, a tradução sempre esteve presente em todos, mesmo involuntariamente. Com isso, o uso desta ferramenta ocasionou polêmicas e oposições, sendo assim como o ensino de línguas estrangeiras, vítima de preconceitos por muitos teóricos.

Há um grande equívoco por parte de professores e estudiosos ao discriminá-la e banalizá-la como ferramenta de ensino, pois é impossível aprender uma segunda língua sem a utilização dessa ferramenta, uma vez que se faz necessário o uso da LM para a associação e compreensão de palavras e ideias.

Ao estudar a fundo essa prática, bem como analisar os tipos e a sua importância no ensino de LI, conclui-se que a tradução desde que corretamente utilizada, é uma forte e eficaz ferramenta pedagógica para a aprendizagem da LI, contribuindo ainda para o enriquecimento cultural da LM, além de proporcionar ao aluno maior conhecimento de sua própria língua.

Traduzir não é apenas uma transposição de palavras de uma língua para a outra, uma vez que também envolve todo um contexto em que as palavras estão inseridas, isto é, abrange a cultura. De acordo com Roman Jakobson (1971), existem três tipos de traduzir signos verbais, são eles: tradução Intralingual, Interlingual e Intersemiótica. Estes três tipos podem ser trabalhados tanto isoladamente como podem ser unidos dependendo do contexto escolar.

Através da base teórica, foi possível constatar na pesquisa-ação desenvolvida com o objetivo de observar a importância da tradução como ferramenta metodológica nas aulas de LI e o conhecimento acerca do referido tema sob a ótica

dos discentes em formação do Curso de Letras da UEG, Câmpus Posse, que os resultados obtidos apenas reafirmaram as teorias estudadas anteriormente, uma vez que a tradução atualmente ainda não tem a sua devida importância no campo educacional, sendo pouco conhecida e por isso utilizada de maneira errada pela maioria, o que acaba comprometendo o processo de ensino-aprendizagem.

Uma das dificuldades encontradas para a elaboração da presente pesquisa foi a indisponibilidade de referências bibliográficas suficientes para um estudo mais profundo. No entanto, atingiu-se o seu objetivo proposto no que concerne à abordagem da tradução como uma ferramenta indispensável e eficaz no processo de ensino aprendizagem. Acredita-se que com este estudo, professores, alunos e estudiosos possam reavaliar os seus conceitos acerca desta temática, entendendo a sua importância e assim contribuindo para um ensino eficaz de LI no contexto de ensino básico e superior.

REFERÊNCIAS

AGRA, K. L. de O. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução.**

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>.

Acesso em: 03 jun. 2014.

ARAÚJO, BRANCO. **A tradução como recurso em atividades de um livro didático de língua inglesa.** *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 183-202, 2012.

ARROJO, R. (1986). **Oficina de tradução: a teoria na prática.** São Paulo: Ática.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o terceiro e quarto ciclos (5ª a 8ª série) do ensino fundamental: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRIKS, F. J. P. **Tradução: ferramenta eficaz no ensino aprendizagem de Línguas Estrangeiras para o aluno do Ensino Superior.** *Revista Belas Infieis*, Brasília, v.1, n.1(2012). Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/viewFile/7540/5818>. Acesso em:

15 jun. 2014.

CAMPOS, G. **O que é Tradução.** São Paulo: Brasiliense, 1986 (Coleção Primeiros Passos).

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. **Metodologia científica.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHECCHIA, R. L. T. (2002). **O retorno do que nunca foi: o papel da tradução no ensino de inglês como língua estrangeira.** (Dissertação) - Mestrado em Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e tradução, universidade de Brasília, Brasília.

COSTA, Walter Carlos. **Tradução e ensino de línguas.** In BOHN H. Inácio, Vandresen, P. **“Tópicos de Linguística Aplicada ao ensino de línguas**

estrangeiras". Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. p. 282-291.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica de Raffaella Quental. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GEIESTA, Letícia Caporlândia. **A tradução como estratégia no ensino de Língua Inglesa em cursos de licenciatura**. Disponível em:

<<file:///C:/Users/Gisele/Downloads/13044-20096-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

GOMES, Almir Anacleto de A. **A tradução no cenário do ensino de línguas estrangeiras**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Gisele/Downloads/13035-20066-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Gisele/Downloads/13035-20066-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2014

HANNUCH, Jeane Nassar. **A tradução como ferramenta no ensino/aprendizagem de língua inglesa: explorando vocabulário**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2544-8.pdf>>. Acesso em 04 jul. 2014.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. In: **Linguística e Comunicação**. Direitos de tradução para a língua portuguesa reservados pela EDITORA CULTRIX LTDA. São Paulo, 1971, 5 ed.

LIBERATTI, E. **A tradução na sala de aula de LE: (des) construindo conceitos**. Entrepalavras, Fortaleza – ano 2, v.2, n. 1, p. 175 - 187, jan/jul 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Gisele/Downloads/50-188-2-PB.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: CUP, 1992.

OUSTINOFF, Michael, 1956 – **Tradução: história, teorias e métodos**. Michael Oustinoff; tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta: double bind & acontecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. 198pp.

PAIVA, V.L.M.O. **Como se aprende uma língua estrangeira?** In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). **Tendências contemporâneas em Letras**. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar/** Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

REGO, Gabriela de Azevedo Leão, 2008. **O lugar da tradução no ensino de língua estrangeira moderna**. Disponível em : http://www.lettras.ufpr.br/documentos/graduacao/monografias/ps_2008/Gabriela_Leao_Rego.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

REVUZ, C. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio**. In: **Língua (gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997. SIGNORINI, Inês (org).

ROMANELLI. **O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras**. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 4 ed.

WALESKO, Ângela Maria. H. **A interculturalidade no ensino comunicativo de língua estrangeira: um estudo em sala de aula com leitura em inglês**. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFPR, Curitiba, 2006.

WIDDOWSON, H. G. (1978) **O ensino de línguas para a comunicação**. Trad. José Carlos Paes de Amleida Filho. Campinas: Pontes, 1991.

ANEXO

Anexo 1



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA ACADEMICO-CIENTÍFICA

TEMA: A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Prezado(a) acadêmico(a), este questionário visa coletar a sua opinião sobre vários aspectos envolvendo Estudos da Tradução , tema do nosso **Trabalho de Conclusão de Curso**, orientado pela professora Especialista **Maria Elizete Pereira dos Anjos**.

Precisamos de sua sincera opinião acerca destas questões.

Não é necessário se identificar ao preencher o questionário, a UEG garante total sigilo de forma que não será possível identificar a pessoa que está respondendo o questionário.

Preencha apenas uma alternativa para cada questão.

A sua opinião é muito importante para ajudar no nosso processo de pesquisa

Obrigada.

Gisele e Ana Karoline (Acadêmicas do 4º ano do curso Licenciatura em Letras)

QUESTIONÁRIO

CATEGORIA 1- Conceitos de tradução

1- Como você avalia seu conhecimento acerca do conceito de tradução?

- () ótimo
- () bom
- () razoável

2- O que significa tradução de uma língua estrangeira para uma língua materna?

- () transferência de significados equivalentes
- () compreensão da ideia (intenção) do autor
- () compreensão da ideia do autor associada à cultura implícita no texto que está sendo traduzido

3- Conhecem os tipos de tradução?

- () sim
- () não
- () parcialmente

CATEGORIA 2 – Utilização da ferramenta Tradução

1- Para tradução de textos do Inglês para Português, você **SEMPRE** utiliza:

- () apenas dicionários
- () as informações não verbais do texto
- () conhecimento da língua inglesa
- () conhecimento da língua portuguesa
- () todos estes recursos

2- Considera a tradução importante no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa?

- () Concordo plenamente
- () discordo plenamente
- () concordo parcialmente

3- Avalie seu processo de aprendizado de Língua Inglesa no Curso de Letras: sem utilização de Língua Materna:

- totalmente inviável
- viável
- Posso aprender, porém com mais dificuldade

4- Aprende melhor língua inglesa quando o professor utiliza em sala de aula:

- mais a língua materna
- mais a língua inglesa
- termos da língua materna para facilitar a compreensão de textos em Língua inglesa
- outros elementos como gestos, imagens, mímicas

5- A leitura de textos em língua inglesa:

- contribui para melhoria do desempenho apenas língua inglesa
- contribui para melhoria do desempenho também na Língua materna

CATEGORIA 3- Tradução e Cultura

1- Você acha importante considerar o elemento cultural no momento da tradução?

- sim, porque sem o elemento cultural as palavras podem não produzir o mesmo sentido
- não porque normalmente as palavras na língua portuguesa e língua inglesa possuem o mesmo equivalente
- parcialmente, depende da palavra e/ou expressão.

2- Quando professores e aprendizes desconhecem a cultura do texto de chegada (texto a ser traduzido) o processo de tradução é dificultado?

- sim
- não
- parcialmente

3- Os professores valorizam cultura do texto de partida (texto a ser traduzido) nas atividades de tradução?

() sim

() não

() parcialmente